



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Instituto de Humanidades e Letras
Curso de Letras - Língua Portuguesa
Trabalho de Conclusão de Curso**

Idilaida Jorge Sanca

**VARIAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUÊS DO BRASIL, DA GUINÉ-
BISSAU E DE MOÇAMBIQUE: ESTUDO DE CASO NO QSL -
ALIB**

Redenção

2017

Idilaida Jorge Sanca

**Varição lexical do português do Brasil, da Guiné-Bissau e de
Moçambique: estudo de caso no QSL - ALIB**

Monografia apresentada ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, como requisito parcial para obtenção de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio.

Redenção
2017

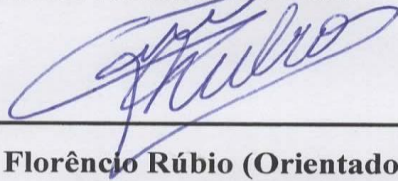
IDILAIDA JORGE SANCA

VARIAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUÊS DO BRASIL, DA GUINÉ-BISSAU E DE MOÇAMBIQUE: ESTUDO DE CASO NO QSL - ALIB

O Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB como requisito parcial para obtenção de Licenciatura em Letras.

Aprovada em: 13, 12, 2017

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cássio Florêncio Rúbio (Orientador)

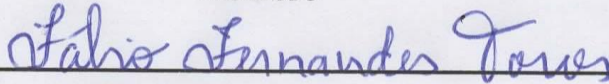
A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Profa. Dra. Cláudia Ramos Carioca

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Membro



Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Membro

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado à vida, a força e à coragem de ter chegado até aqui.

À Unilab (Universidade da Integração Interacional da Lusofonia Afro-Brasileira), pelos conhecimentos e pelas experiências que acumulei durante todos esses anos e por ser uma Universidade diferenciada que acolhe estudantes de diferentes partes do Brasil, da Guiné-Bissau, de Cabo-Verde, Moçambique, Angola, São-Tomé e Timor-Leste, proporcionando, assim, o convívio entre as diferentes variedades linguísticas do português, bem como as diferentes culturas dos estudantes que a compõem.

Aos professores que contribuíram de forma relevante no meu ensino-aprendizado durante todo esse processo e não só, como também nos ensinamentos, que os levarei para o resto da minha vida, de alguns professores que servem de espelho para mim, e, em especial, ao meu orientador por ter me orientado e incentivado na realização deste trabalho.

À minha família, que sempre esteve comigo, particularmente, ao meu pai, Jorge Sanca, à minha mãe, Maria de Fátima Gomes da Silva, aos meus irmãos, Eremita Emílio Monteiro, Estanislau Emilio Monteiro, Edinho Jorge Sanca, Nayuk Jorge Sanca, Jumerino Jorge Sanca e Teodoro Jorge Sanca (Jorgito), pelo amor, carinho e pela confiança depositada em mim, apoiando-me incondicionalmente, dando força, encorajando-me, motivando-me a ir mais longe ainda.

Ainda, lembro-me da minha vinda para o Brasil a fim de cursar o ensino superior, a primeira coisa que o meu pai me disse, e que ficou gravado na minha mente e no meu coração, foi: - filha busca sempre ser humilde. A humildade faz a pessoa ir mais longe do que ela possa imaginar.

E a todas aquelas pessoas que considero mais que amigos, mas como irmãos que contribuíram de forma especial para realização deste trabalho, particularmente, ao Danilo Mussa Fafina e Armando Arnaldo Correia, participando de forma direta ou indireta na minha formação acadêmica e pessoal, ou seja, como pessoa. A todos que fizeram parte dessa etapa decisiva e fundamental da minha vida.

Minha gratidão sempre!

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”

Paulo Freire (1997, p.155)

SANCA, Idilaida Jorge. **Varição lexical do Português do Brasil, da Guiné-Bissau e de Moçambique:** um estudo de caso no QSL - ALIB. 2017. 61p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira – UNILAB.

Resumo: Este trabalho tem o propósito de analisar a variação linguística a nível lexical no português falado pelos acadêmicos brasileiros, guineenses e moçambicanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab). A língua se constitui a partir da forma de expressar a realidade do mundo dos indivíduos que dela fazem o uso, visto que qualquer língua reflete a visão do mundo, as crenças, a forma de pensar ou a visão de mundo dos seus falantes. É uma pesquisa de natureza geossociolinguística e dialetológica, com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da lexicologia, (BASÍLIO, 1987; ILARI, 2001, 2002; FERRAZ, 2006) e variação linguística (BAGNO, 2007; FAFINA, 2012; TIMBANE, 2013, dentre outros), a partir da variação lexical do português do Brasil, da Guiné-Bissau e de Moçambique. Assenta-se na base metodológica da coleta de dados através das aplicações de dezesseis (16) questões do questionário semântico-lexicais (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). Percebe-se que, no decorrer do estudo alcançado mediante a aplicação de questionários, que existem diferentes variedades no português falado pelos estudantes da Unilab desses três países em estudo, algumas com sentidos alterados em que cada uma dessas variedades ainda apresenta variações na forma de falar específico de cada um dos três países acima citados, considerando questões de ordem social, cultural, mitos e questões determinantes na visão de mundo dos falantes brasileiros guineenses e moçambicanos estão inseridos.

Palavras chaves: Variação linguística; Léxico; Português do Brasil; Português da Guiné-Bissau; Português de Moçambique.

ABSTRACT: This paper aims to analyze linguistic variation at the lexical level in Portuguese spoken by the Brazilian, Guinean and Mozambican scholars of the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (Unilab). The language is constituted from the way of expressing the reality of the world of the individuals who make use of it, since any language reflects the world view, the beliefs, the way of thinking or the world view of its speakers. It is a research of geosociolinguistic and dialecolological nature, based on the theoretical and methodological assumptions of lexicology, (BASI, 1987, ILARI, 2001, 2002, FERRAZ, 2006) and linguistic variation (BAGNO, 2007, FAFINA, 2012, TIMBANE, 2013, among others), based on the lexical variation of Brazilian Portuguese, Guinea-Bissau and Mozambique. It is based on the methodological basis of data collection through the applications of sixteen (16) semantic-lexical questionnaires (QSL) from the Linguistic Atlas of Brazil (ALIB) project. It is noticed that, during the study achieved through the application of questionnaires, there are different varieties in Portuguese spoken by the Unilab students of these three countries under study, some with altered meanings in which each one of these varieties still presents variations in the form of speaking specific aspects of each of the three countries mentioned above, considering social, cultural, methodological and determinant issues in the world view of Guinean and Mozambican Brazilian speakers are inserted.

Key-words: Linguistic variation; Lexicon; Brazilian Portuguese; Portuguese of Guinea-Bissau; Portuguese of Mozambique.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Itens lexicais para questão - (1) – QSL - agrupamento -	34
Quadro 2 - Itens lexicais para questão - (2) – QSL- agrupamento -	37
Quadro 3 - Itens lexicais para questão - (3) – QSL- agrupamento -	38
Quadro 4 - Itens lexicais para questão - (4) – QSL- agrupamento -	40
Quadro 5 - Itens lexicais para questão - (5) – QSL - agrupamento -	41
Quadro 6 - Itens lexicais para questão - (6) – QSL - agrupamento -	42
Quadro 7 - Itens lexicais para questão - (7) – QSL - agrupamento -	43
Quadro 8 - Itens lexicais para questão - (8) – QSL - agrupamento -	43
Quadro 9 - Itens lexicais para questão - (9) – QSL - agrupamento -	46
Quadro 10 - Itens lexicais para questão- (10) – QSL - agrupamento -	47
Quadro 11 - Itens lexicais para questão- (11) – QSL - agrupamento -	49
Quadro 12 - Itens lexicais para questão- (12) – QSL - agrupamento -	50
Quadro 13 - Itens lexicais para questão- (13) – QSL - agrupamento -	51
Quadro 14 - Itens lexicais para questão- (14) – QSL - agrupamento -	52
Quadro 15 - Itens lexicais para questão- (15) – QSL - agrupamento -	53
Quadro 16 - Itens lexicais para questão- (16) – QSL - agrupamento -	54

LISTA DE SIGLAS

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

ALIB – Atlas Linguístico do Brasil

UFBA- Universidades Federal da Bahia

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFC – Universidade Federal do Ceará

UECE – Universidade Estadual do Ceará

UFJF – Universidade Federal do Juiz de Fora

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFRGS – Universidade Federal de Rio Grande de Sul

LB – Língua Bantu

PB – Português do Brasil

PGB – Português da Guiné-Bissau

PM – Português de Moçambique

QFF – Questionário fonético-fonológico

QSL- Questionário semântico – lexical

QSM – Questionário morfossintático

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2 INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO LÉXICO, FORMAÇÃO E MUDANÇAS LEXICAIS.....	15
2.1 Variação linguística lexical.....	23
2.2 Geossociolinguística.....	26
3 METODOLOGIA.....	32
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	34
4.1 Questão.....	34
4.2 Questão.....	37
4.3 Questão.....	38
4.4 Questão.....	39
4.5 Questão.....	41
4.6 Questão.....	42
4.7 Questão.....	43
4.8 Questão.....	44
4.9 Questão.....	46
4.10 Questão.....	47
4.11 Questão.....	48
4.12 Questão.....	50
4.13 Questão.....	51
4.14 Questão.....	52
4.15 Questão.....	53
4.16 Questão.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
ANEXO.....	61

1 INTRODUÇÃO

Os procedimentos metodológicos deste trabalho baseiam-se nos do projeto ALIB (Atlas Linguístico do Brasil). Em conformidade com Cardoso (2012), o ALIB teve o início da sua história na primeira metade do século XX, com o intuito de construir o Atlas Linguístico do Brasil, tendo como o seu objetivo, de acordo com o Decreto nº 30.643, de março, no 3º parágrafo do Art. 3º, desenvolver pesquisas de forma ampla em todo campo da filologia portuguesa-fonologia, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas, bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de autoria, de influências. Os principais percursores da elaboração do ALIB são Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Pela Portaria nº 536, de 26 de maio, do Ministério da Educação e Saúde, foi decretada a Criação do Centro de Pesquisas Casa Rui Barbosa, estabelecida como a finalidade principal à elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

A necessidade de elaboração de atlas linguísticos regionais foi defendida por Serafim da Silva Neto e Celso Cunha, por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa, em 1957. Para a realização de um atlas linguístico nacional, os filólogos manifestaram dificuldades de ordem financeira, inexistência de equipes de pesquisadores preparados para esse tipo de investigação que pudessem assumir essa tarefa ou trabalho em todo o território nacional e a precariedade da rede de estradas, que não favorecia a circulação sem grandes problemas.

Com grande esforço e dificuldades, iniciaram o trabalho de mapeamento linguístico do Brasil pela realização de atlas regionais. Silva Neto e Celso Cunha juntaram-se a Antenor Nascentes dando assim os primeiros passos com a publicação das Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, obra em dois volumes, saídos o primeiro em 1958 e o segundo em 1961, na qual estabelecem como o próprio nome sugere passos fundamentais para o início do trabalho nesse campo. Nessa obra, discutem as vantagens de um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, mas reconhecem a impossibilidade de sua concretização nesses termos entre os brasileiros, argumentando com a extensão do território brasileiro e a dificuldade do acesso aos diferentes pontos.

Na realização de um atlas nacional apresentaram-se, no caminho, vários obstáculos e de certo modo deram-se por vencido de que era necessária a elaboração geral de um atlas linguístico do Brasil no tocante à língua portuguesa, devido ao

reconhecimento e a exigência da nova configuração da realidade brasileira. Essa ideia imediata da elaboração geral de atlas linguístico do Brasil contou com a participação do Professor Michel Contini, Diretor do *Centre de Dialectologie da Université Sthendal Grenoble 3*, diretor do *Atlas linguistique roman* e do Comité Diretor do *Atlas linguarum Europae*.

Foram tomadas ideias imediatas para a execução do objetivo, iniciando-se pela criação de um Comitê Nacional que se encarregaria da estruturação do projeto e da implementação da pesquisa, formado por representantes dos atlas até então publicados e de um representante de atlas em andamento. Esse Comitê Nacional, na sua primeira composição, constitui-se por professores como Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA, Diretora-Presidente), Jacyra Andrade Mota (UFBA, Diretora-Executiva), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB/UFC/UECE, Diretora-Científica, Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF, Diretor Científico), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL, Diretora Científica) e Walter Koch (UFRGS, Diretor Científico).

O Atlas linguístico do Brasil (ALIB) enquadra-se no campo metodológico da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, além do parâmetro diatópico, abrange também outros parâmetros variacionais, tais como diastrático, diageracional, diafásico, diassexual ou diagenérico e configura-se como um atlas de terceira geração, pois, de acordo com Comitê Nacional do Projeto, o Atlas Linguístico do Brasil, ao mesmo tempo em que prioriza o espacial dos fenômenos se propõe não só manter sob controle certas variáveis sociais dos informantes, como também fornecer comentários e estudos interpretativos que acompanharão as cartas e, ainda, tentar estabelecer via internet um sistema de consulta à distância que faculte ao leitor o conhecimento de formas ou usos linguageiros e também lhe dê a possibilidade de ouvir, de viva voz, as realizações daquela área cartografada e selecionada para audição.

Os dados pluridimensionais são obtidos por meio da aplicação de diferentes tipos de questionários a informantes diversificados quanto ao *sexo*, *idade* - equitativamente por duas faixas etárias 18 a 30 anos e 50 a 65 anos - e contemplando os dois sexos, nas capitais, também quanto ao grau de escolaridade, atingindo o número total dos 1100 informantes. Contando a rede de pontos com um total de 250 localidades distribuídas por todo o país e selecionadas de acordo com critérios demográficos, históricos e culturais, tendo-se, também, levado em consideração a extensão de cada Estado/região e a natureza de seu povoamento na delimitação do número de pontos da área.

Para a constituição do corpus do ALIB, incluíram-se nos questionários não só questões de ordem fonético-fonológica (questionário fonético-fonológico - QFF), semântico-lexical (questionário semântico-lexical – QSL) e morfossintática (questionário morfossintático – QMS), mas também questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, questões metalinguísticas e texto para leitura permitindo, assim, a ampliação dos parâmetros analisados.

Os questionários destinavam-se, sobretudo, à documentação sincrônica da variação diatópica e diastrática, contendo algumas questões dirigidas a denominações mais antigas, de modo a possibilitar o registro de variantes diageracionais, como se exemplifica adiante, a propósito do QSL.

Referentemente ao questionário linguístico, foi deliberada a aplicação de três tipos direcionados, especificamente, cada um deles, para os aspectos: (a) fonético-fonológico - 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexical - 202 perguntas; e (c) morfossintático - 49 perguntas (CARDOSO, 2012).

No questionário semântico-lexical, do qual baseia a metodologia desse trabalho, foram aplicados os questionários a nível lexical de coleta de dados a 36 (trinta e seis) informantes brasileiros cearenses, guineenses e moçambicanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab e em 12 (doze) de cada país, no campo semântico “ciclo da vida”. Foram distribuídos dezesseis (16) questões.

A variação linguística é eminente a todas as línguas humanas (LABOV, 1972) pois é ocasionada por diversos fatores. No Brasil, por exemplo, as variedades do português apresentam variação em função da formação social e cultural do povo brasileiro. Da mesma forma, o processo de variação aconteceu na implementação da língua portuguesa na sociedade guineense e moçambicana, ainda que outros fatores sociais e culturais tenham influenciado aquelas variedades.

Com base no elo que une Brasil, Guiné-Bissau e Moçambique, a língua portuguesa, pretendemos mostrar as origens da variação linguística e as particularidades do português falado pelos acadêmicos brasileiros, guineenses e moçambicanos, estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. A instituição é única em seu seguimento, pois abriga em seu seio estudantes de países africanos de língua portuguesa, das mais variadas partes do Brasil e do Timor Leste, o que proporciona o convívio entre grande número de variedades linguísticas do português, tido como a língua de convívio entre essas diferentes comunidades. Para

sustentar a análise da nossa pesquisa, a qual focamos mais especificamente na variação lexical dos falantes lusófonos, buscamos apoio nos materiais que abordaram a temática, tais como os artigos publicados por Fafina (2012), Timbane (2013), entre outros autores que se debruçaram sobre a variação do português falado nos países africanos da expressão portuguesa, neste caso, Guiné-Bissau e Moçambique, comparando-o com o falado no Brasil, buscando, assim, os pontos convergentes e divergentes, considerando o distanciamento geográfico e as influências das línguas nativas que dividem espaço com a língua portuguesa nesses países. Além disso, amparamo-nos nos preceitos metodológicos do Projeto ALIB (Atlas Linguístico do Brasil) e nas muitas publicações decorrentes desse projeto, que proporcionaram subsídios técnicos e científicos para a realização desta pesquisa.

A partir desse aparato teórico-metodológico, pensado para o português brasileiro, iniciamos a pesquisa, com o intuito de verificar as diferenças semântico-lexicais evidenciadas em variedades de países lusófonos.

As diferenças de uso da língua portuguesa pelos estudantes dos referidos países da Unilab podem ser vistas a “olhos nus”, entretanto, a sistematização dos dados, como propomos ao longo da análise, permitiu um olhar científico sobre essa variação, proporcionando uma fotografia sociolinguística dessas comunidades. A nossa hipótese também era a de que pudéssemos encontrar, além das diferenças na língua portuguesa da comunidade acadêmica da Unilab, a existência do emprego do léxico das línguas nativas de alguns falantes, o que seria fruto da influência social e cultural de cada comunidade. Um exemplo claro que retrata essa variação vem de informantes da Guiné-Bissau, pois, como aponta Timbane (2013, p. 270), é possível que os falantes recorram à língua crioula, materna de grande número de guineenses, para o preenchimento de lacunas do vocabulário em português, como ocorre com o vocábulo “caçula” em português, que é substituído por “codé”, em crioulo, em alguns inquiridos.

Por meio do estudo dialetológico, foi possível propor a descrição dos diferentes usos que se faz da língua portuguesa no nível “*ciclo da vida*”, a partir das 16 questões aplicada aos informantes dos três países que compõem o nosso estudo de língua portuguesa diferenciados socialmente, culturalmente e geograficamente.

Para tanto, aplicamos questões do questionário semântico-lexical do ALIB (Atlas Linguístico do Brasil), com as quais obtivemos resultados da pesquisa que foram compilados e apresentados em quadros, a fim de quantificar e qualificar as respostas.

O objetivo do trabalho é contribuir para o estudo variacionista, principalmente considerando a variedade do português da Guiné-Bissau, ainda pouco conhecida e analisada pelos estudos linguísticos. Busca-se também, de forma mais específica, compreender a variação linguística no nível lexical relacionada à temática ciclo de vida, no português do Brasil, de Guiné-Bissau e de Moçambique, investigando 36 estudantes brasileiros, guineenses e moçambicanos da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab). Como objetivos específicos temos:

- a) Identificar os itens lexicais cujos sentidos são alterados em função do contexto cultural na fala dos estudantes representantes desses três países mencionados da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab).
- b) Investigar, com base nos levantamentos de dados, as diferenças nas variedades do português falado nos três países.
- c) Apontar, como fruto da análise, os itens lexicais mais recorrentes em cada uma das variedades e, ainda, os itens que são comuns e exclusivos de determinada variedade.

A escolha do tema partiu da experiência pessoal da autora deste Trabalho de Conclusão do Curso, pois, ao chegar pela primeira vez ao Brasil, especificamente na cidade de Redenção, observou usos que lhe causaram certa estranheza, pois o fato de ser uma pessoa oriunda de um país que tem o português como língua oficial, fez-lhe imaginar que não fosse encontrar, de certa forma, uma barreira na língua, ou seja, julgava não encontrar grandes diferenças de palavras que existem nessa mesma língua, o português. A expectativa era de que todas as palavras usadas nos dois países teriam o mesmo significado, ou seja, essas palavras poderiam nomear mesmos objetos, realidades etc., mas o que constatou foi que existem diferenças no uso da língua, demonstrando que um objeto, por exemplo, pode ser nomeado de duas ou mais formas e também uma mesma palavra pode ter significados distintos em duas sociedades diferentes. Dessa forma, surgiu o interesse de investigar a variação linguística na perspectiva lexical, para observar em que grau ocorre essa variação, partindo do seu conhecimento prévio para fazer um estudo comparativo.

A língua portuguesa, por ser a língua oficial dos guineenses, exerce um poder de prestígio muito forte, e o crioulo, a língua de interação ou da unidade nacional, como o próprio nome sugere, une todos os inúmeros falantes de línguas nativas que existem no país. Com esse estudo, pretendo-se investigar se o crioulo e as línguas nativas tiveram uma forte influência na variação do português da Guiné-Bissau e também

procurar saber quais são palavras que não existiam em português, mas que, em função do crioulo ou de línguas nativas, foram inseridas no português guineense.

Segundo Fafina (2012), as variações do português do Brasil e da Guiné-Bissau distanciam-se porque a realidade social e cultural dos dois países é diferente. Partindo desse pressuposto, pretendemos propor a análise da variação linguística do português brasileiro como espelho para uma comparação com a variação linguística do português da Guiné-Bissau e de Moçambique.

Timbane (2013) ressalta que essas variações lexicais ocorrem por motivos culturais, sociais e geográficos e também em função das influências das línguas locais. Observando a variação do português, podemos perceber que, nas variedades de Moçambique, existem várias palavras para um só referente e “as crianças brincam do mesmo jeito, as regras são iguais e o que muda é simplesmente o nome, e quando uma palavra não existe em português, eles vão buscar essa palavra nas línguas bantu para preencher a lacuna” (TIMBANE, 2013, p. 266).

Por outro lado, a escolha do tema se deu pelo fato de ainda haver poucos estudos comparativos sobre a variação lexical, sobretudo a variação linguística do português da Guiné-Bissau (PGB, doravante). Por isso, lançou-se o desafio de escrever algo sobre a Guiné-Bissau, pois, quando se pretende desenvolver um estudo sobre esse país, encontram-se poucas referências para desenvolver a pesquisa.

Portanto, a pesquisa vai contribuir, nesse sentido, para a descrição de características dessa variedade do português ainda pouco conhecidas, contrariando a falsa afirmativa de que em Guiné-Bissau se fala o português europeu. Esse estudo, somado a outros que venham a tratar de outras características do PGB, proporcionariam o conhecimento linguístico também para o ensino de língua no país.

Na primeira parte deste texto, trazemos uma abordagem introdutória sobre o trabalho, o objetivo geral, a justificativa que nos levou a desenvolver essa temática. Na segunda parte, abordamos a fundamentação teórica, trazendo as ideias dos autores sobre a introdução ao estudo do léxico, a formação e as mudanças lexicais, assim como, a variação linguística lexical e a geossociolinguística. Na terceira parte, foca-se a metodologia usada na pesquisa, enfatizando questões relacionadas à forma como foi composto o questionário e à compilação de resultados para análise. Na quarta parte, é apresentada a análise dos dados, com o apoio de quadros e seguindo com os comentários dos resultados da pesquisa. Por fim, apresentamos as considerações finais,

com um breve apanhado das principais ideias que foram discutidas no decorrer do trabalho.

2 INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO LÉXICO, FORMAÇÃO E MUDANÇAS LEXICAIS.

A língua, por se constituir a partir da expressão da realidade do mundo dos falantes que os cercam, reflete valores culturais deles. Os falantes, ao adotarem uma determinada forma de falar, transpõem as suas posições ideológicas, as suas crenças, as formas de pensar ou as suas visões de mundo no uso da língua. Portanto, observamos que toda língua reflete os valores culturais de cada comunidade linguística, e, conseqüentemente, a identidade de cada comunidade que dela faz o uso, pois os falantes linguísticos pertencem a uma determinada comunidade socialmente organizada e que possui a sua própria cultura.

Apesar de ser usada para designar as coisas tanto como para exprimir algo tal como os pensamentos e sentimentos humanos, essa forma de denominar as coisas é movida por questões históricas, sociais e culturais. Essa realidade pode ser observada na maneira peculiar que cada sociedade ou cada povo vê e interpreta o mundo, uma vez que cada comunidade traz nas suas diversas formas de uso da língua a marca específica em função dos contextos culturais e sociais. Em virtude de a língua ser um mecanismo que possibilita a comunicação entre os falantes que a compartilham, ela vai, além disso, porque é responsável pela interação social e cultural de cada falante.

Segundo Isquierdo e Nunes (2012, p. 219), a língua define-se como:

Patrimônio social e cultural, uma vez que por meio dela os falantes evidenciam os aspectos condicionantes de sua natureza, seus saberes e também a identidade do grupo a que a pertencem. Logo, entre língua e sociedade há uma relação intrínseca que, por sua vez, reflete marcas sociais e culturais de uma comunidade. E na tensão entre língua, sociedade e cultura é gerado o léxico, nível linguístico que melhor retrata aspectos da realidade dos falantes de uma língua, visto que é a partir dele que os indivíduos nomeiam os seres e os objetos que estão ao seu redor.

Entre a língua e a sociedade, há uma relação intrínseca porque a primeira reflete as marcas sociais e culturais de uma comunidade e o léxico ou o conjunto de palavras dessa língua por sua vez retrata a maneira como a visão que os falantes de uma comunidade linguística têm para interpretar o mundo que o cerca.

Na verdade, para melhor retratação disso, levamos em consideração a língua portuguesa falada pelos estudantes universitários brasileiros, guineenses e moçambicanos provenientes de culturas e realidades distintas e percebemos que, apesar de a língua estar presente em toda a sociedade e de eles terem em comum a língua

portuguesa, nomeiam as coisas de acordo com a visão de suas sociedades e do que isso as representa.

Normalmente, atribui-se ao léxico o significado de um conjunto de pares mínimos combinados cujo som gera o significado, mas para essa área do conhecimento ligada à lexicografia, os conceitos atribuídos ao léxico de uma língua são múltiplos e não há unanimidade.

Antunes (2006) nos assegura que o léxico é parte viva da língua e faz parte do patrimônio social de uma comunidade porque os indivíduos de diferentes lugares, de épocas diferentes, apropriam-se dos signos que ela enfoca para manifestarem os seus sentimentos e registrar as suas histórias.

A palavra léxico é de origem grega (léxicon), em sentido mais amplo, é sinônimo de vocabulário, ou seja, conjunto de palavras de uma língua. E vocabulário é uma lista completa dos vocábulos ou palavras que são constados em dicionários de uma determinada língua (CARVALHO, 1989, p.11).

Para Isquerdo e Alves (2007, p. 10), a palavra é “a unidade básica do léxico de uma língua, de maneira mais clássica como unidade lexical”. Diante disso, as palavras são elementos que os seres humanos utilizam para formar enunciados, muitas vezes, sem perceber que o léxico ou o conjunto de palavras de uma língua, com a qual se formam enunciados, não faziam parte do seu uso da língua. Mas, conforme as necessidades surgidas de falantes se comunicarem, esses falantes vão formar novos termos.

Basílio (1987) ressalta que, no uso diário da língua, os seres falantes formam palavras novas ou termos novos frequentemente, seja para se comunicar ou se expressar através de palavras ou, ainda, para tornar a língua mais dinâmica, nas situações formais e informais de uso. Assim, diariamente, no uso da língua, formamos palavras novas, a depender de cada situação do uso.

Oliveira e Isquerdo (2001, p. 210) salientam que o léxico de uma língua revela o comportamento, a ideologia, a filosofia de vida dos falantes e até provoca a mudança da sociedade e da forma como esta enxerga e representa o mundo.

No caso deste trabalho, é investigada a variação do nível lexical do português falado no Brasil, em Guiné-Bissau e em Moçambique, e são percebidas mobilidades dessas sociedades distintas e que em cada uma delas surgem lexemas novos com a influência social, cultural e das outras línguas nativas. De modo que cada uma destas comunidades que integram a Unilab trazem algumas especificidades no seu português,

porque cada sociedade interpreta os signos linguísticos consoante o seu contexto cultural, tal como afirmam Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9), que destacam que o léxico “constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural”.

Os linguistas, de modo geral, estabelecem a diferença entre léxico e gramática, definindo o “léxico como unidades significativas e a gramática como regras combinatórias” (CARVALHO, 1989, p.12). De fato, tomando em conta esse posicionamento, temos que o léxico compreenderia os termos de uma língua e a gramática as regras do uso de uma língua.

Percebemos que há diferentes conceitos, ou seja, as perspectivas sobre o estudo do léxico, o que irá depender da abordagem ou do ponto de vista de cada autor.

A partir dessa leitura, damos a entender que na pesquisa do campo de formação de palavras, um dos principais problemas encontrado é a aceitação ou não de combinações de formas de palavras. Sempre que fazemos o uso da língua, não percebemos que certas palavras são de conhecimento prévio, outras nos parecem estranhas e outras não são aceitas. Como no caso de palavras como convencionais e religiosas que, por questão de uso, aceitamos e também são conhecidas pelo falante, mas não aceitamos as formas “convencioso” ou “religional”, porque o falante sabe que estas formas não fazem parte do seu uso e não as reconhece. Isto é, repetidamente não se reconhece certas formas pelo fato de que outras formas são consideradas usuais e comuns naquela língua (BASÍLIO, 1987, p. 5).

A autora frisa, ainda, que uma das razões que leva à formação de palavras é a necessidade surgida ou a necessidade comunicativa. E ela explica que, muitas vezes, é um dos motivos que nos leva à formação de palavras, bem como a formação de uma classe ou categoria lexical. Como exemplo, quando uma palavra de uma classe como “verbo” e precisa ser usada como “substantivo”. Resumindo, num caso como este, há a necessidade de uma classe gramatical diferente e forma-se uma palavra nova a partir da outra já existente, a fim de poder utilizar o significado desta palavra que já temos na língua (BASÍLIO, 1987, p. 6).

Nota-se que, a partir de afixos, podemos criar ou formar uma palavra, por exemplo, *centralizar*, *descentralizar*, *descentralização*, como afirma Basílio:

Em todas as abordagens dos fenômenos de formação de palavras, os processos que podemos utilizar para formar novas são sempre descritos através das classes gramaticais o que implicitamente sugere que usamos afixos com a principal finalidade de formar uma palavra de uma classe a partir de uma palavra de outra classe (BASÍLIO, 1987, p.6).

Em várias ocasiões, muitos processos de formação de palavras não mudam a classe, de modo que não consegue simplesmente responder o real motivo de formação de palavras. Como exemplos, o caso dos diminutivos, em que é usado, para adicionar ao significado de uma palavra, uma referência a uma dimensão pequena (*sapato/sapatinho*) e para sinalizar uma linguagem afetiva (*sopa/sopinha*) ou para expressar pejoratividade (*argumento/argumentozinho*). Temos, ainda, o diminutivo que sempre acompanha a classe da palavra básica ou o radical a qual ele se aplica, como *livro/livrinho*, ou advérbio como em *falar baixo/baixinho*.

Em um segundo exemplo, temos o caso do sufixo – *eiro*. Esse sufixo se adiciona a substantivos, de modo geral, para formar palavras que indicam indivíduos que exercem alguma atividade sistemática ao objeto concreto que serve de base para a formação da palavra. Por exemplo, a partir de palavras como *sapato*, *cesta*, *camisa*, *livro* etc., podemos formar palavras como *sapateiro*, *cesteiro*, *camiseiro*, *livreiro*, sucessivamente. *Doleiro*, uma nova palavra que surgiu recentemente nos jornais, é formada também por esse processo geral de formação de palavras a partir do substantivo de outra palavra.

Carvalho (1989, p. 23) aponta que o léxico de uma língua tende cada vez a aumentar e a enriquecer, a maior parte dessas palavras já são previamente existentes e que para uma abordagem gerativista fazem parte da competência do falante nativo. De fato, o falante nasce com essa competência. Entretanto, compara o léxico como “uma galáxia que vive em expansão permanente” porque o léxico de uma língua tende a desenvolver ou a crescer ainda mais pelo visto que, de acordo com as experiências pessoais e sociais da comunidade que fala, vai surgindo novos léxicos/palavras. Enquanto que Macedo (2013, p. 1) nos diz que as novas lexias vão surgindo de acordo com as mudanças que ocorrem no modo de vida, nos hábitos e na convivência humana, porque os próprios falantes sentem essa necessidade, quando determinados itens lexicais não atendem mais as suas necessidades, esses são substituídos e outros entram para preencher ou espaço.

Portanto, “para toda a formação de palavras há sempre uma série de relações possíveis e todas da mesma natureza” a ser seguida (BASÍLIO, 1987, p.6). Além do mais, sempre que haja “mudança de classe ou acréscimo semântico”, ou seja, acréscimo no sentido de uma palavra, resultar-se-á em termos uma palavra totalmente diferente da

palavra base ao em vez de termos palavras como viável/viabilidade ou fazer/desfazer, teremos querer/vontade, bonito/beleza, escrever/apagar etc.

Basílio (1987, p. 6 -7) refere que, devido a essa mudança inteira da palavra, a língua como ato comunicativo, tornaria menos eficiente, e dificultaria aos falantes na memorização e captação da palavra ao usá-la em diferentes contextos ou situações em que a língua ocorre ou é usada.

O fenômeno da formação de palavras é abordado sob diferentes perspectivas teóricas, sendo elas: a gramática normativa, o estruturalismo e a teoria gerativa transformacional. As gramáticas tradicionais seguem um modelo clássico, de modo que não se preocupam com a formação das palavras, mas apenas em enumerar processos e listar exemplos. Preocupam-se em tentar dar conta das diferentes perspectivas teóricas ou objetivas, por isso, procuram dar conta somente das características das formas já constituídas. Esse ponto de vista pode estar ligado à função normativa ou ao uso normativo da língua, porque, segundo esta função, não caberia formas novas na língua enquanto objeto de prescrição, isto é, enquanto aquele termo não é aceite segundo a norma. Apesar de as gramáticas normativas estarem limitadas a isso, a descrição que elas fazem contribui amplamente para o desenvolvimento do estudo de processos lexicais (BASÍLIO, 1987).

Segundo Basílio (1987, p. 10), a abordagem estruturalista, ocupa-se com a determinação da estrutura das palavras em apenas “estabelecer formulações gerais que correspondessem às formações já existentes na língua”.

A análise morfológica estruturalista está no conceito básico de morfema e este é definido em relação ao significado, querendo dizer que um dos problemas encontrados nesta análise é que não se pode isolar o significado das partes constituintes de uma palavra do seu significado completo. Todavia, temos palavras constituídas por diferentes elementos, ou seja, elementos constituintes com diferentes sentidos, um exemplo, guarda-chuva. Por esse motivo, temos elementos constituintes de palavras que não podem ser definidos em termos de significado (BASÍLIO, 1987).

A formação de palavras no português brasileiro, conforme aponta Feraz (2006, p. 225), caracteriza-se “nos processos de adição” tal como, prefixação, sufixação, composição e outros. No que concerne à questão semântica, isso possibilita a criação de um novo termo ou de um novo item lexical, que se dá sem qualquer mudança nas unidades lexicais já existentes e considera como os mais produtivos derivação e sufixação.

Para Basílio (1987, p. 14), derivação e composição são os “dois os processos mais gerais de formação de palavras”.

Ferraz (2006, p. 226 - 227) defende que o processo derivacional, por ser um dos mais produtivos, tem contribuído muito para o enriquecimento do léxico na língua portuguesa, o que vale para outras línguas, não só pelas inúmeras palavras formadas pelo processo de derivada, mas também devido à possibilidade de formar novos elementos ou novas palavras a partir da derivação: prefixação e derivação, à proporção que o processo de composição se caracteriza pela junção de uma base à outra para formar uma palavra. Diz-se que uma palavra é composta sempre que ela apresenta duas bases. Por exemplo, palavras como guarda-chuva (guarda + chuva), luso-brasileiro (luso + brasileiro), sociolinguístico (sócio + linguístico) e agricultura (agri + cultura) são compostas, isto é, formadas pela junção de duas bases, sejam estas formas presas – isto é, formas que dependem de outras para sua ocorrência, como agri - em agricultura - ou livres, como chuva, brasileiro, e assim por diante.

Partindo da ideia de Basílio (1987) sobre a existência dos dois processos mais gerais da formação de palavras, caracteriza-se o processo de derivação pela junção de um afixo, isto é, de um sufixo ou prefixo a uma base para formar uma palavra. Por assim dizer, uma palavra é derivada quando ela se constitui de uma base e um afixo. Por exemplo, as formas retratista (retrato + ista), livreiro (livro + eiro), lavável (lava + vel), contemplação (contempla + ção), reler (re + ler) e predispor (pré + dispor) são formas derivadas: em todas elas verificamos a estruturação base + afixo, que se concretiza em base + sufixo (como em retratista) ou em prefixo + base (como em reler).

Para Ilari (2001, p.78), nas expressões composicionais, o sentido corrente das palavras mantêm e são analisadas uma a uma, de modo que seja possível entender o sentido do todo como uma “composição” ou “montagem”, a partir dos sentidos das partes.

Segundo Ferraz (2006), a composição na língua portuguesa é representada por ser processo produtivo já que é o processo de formação de palavras que se dá pela justaposição ou aglutinação de bases livres e não livres. Por exemplo, encontram-se formações substantivas e adjetivas, tanto quanto de natureza subordinativa (para-barro, porta-objeto, edifício-sede) como coordenativas (álcool-gasolina, primavera-verão, custo-benefício).

Existe a diferença entre os dois processos de formação de palavras. Com uma observação mais atenta, entendemos que, entre os processos de composição e a

derivação, existe uma diferença profunda, mas ambos se complementam na função de formar palavras de acordo com as necessidades de comunicação. Em primeiro, a derivação obedece às necessidades de expressão de categorias nocionais, com contraparte sintática ou não, mas de carácter fixo, em via de regra, de teor geral. Isto quer dizer que, o processo de derivação vai geralmente de acordo com as “categorias nocionais” e regras de uma língua em contraponto com o significado já existente da palavra. Enquanto que o processo de composição vai de acordo com a necessidade de expressão de combinações particulares, isto é, na composição, as palavras são compostas por duas bases ou duas palavras com sentidos diferentes (BASÍLIO, 1987, p. 14).

Ilari (p. 78-79), Leal e Mendes (2006, p. 47-55) apontam que as frases feitas têm contribuído para formação e ampliação do léxico de uma língua por possibilitar diferentes maneiras de referir o mesmo referente e que também funcionam como verdadeiros “itens lexicais”. Exemplificando, *rodar à baiana* ou *armar o barraco* por brigar; *roer a corda* por fugir; *andar no mundo da lua* por ser distraído; *jeitinho brasileiro* = Ser malandro, ter esperteza, comportar de um modo especial; *Pegar no pesado* = Esforçar-se ao extremo; *Ficar em cima do muro* = Ser indeciso; *A porca torce o rabo* = Estar em situação de extrema dificuldade, quase irreversível; *Nem que chova canivete* = Agir a qualquer custo; *Ficar a ver navios* = ser abandonado; *entregar os pontos* = desistiu; *a coisa está preta* = Estar em situação muito difícil; *Corda no pescoço* = Estar apertado economicamente, sem condições financeiras; *baixar a bola* = ser mais humilde, etc. Assim, vemos que se apresentam toda a dinamicidade da língua para exprimir o pensamento, as ideias, os sentimentos e para refletir valores culturais, ou da experiência de uma determinada comunidade linguística.

De acordo com Basílio (1987, p. 25), apesar de as gramáticas normativas utilizarem todos os critérios na classificação das palavras, elas privilegiam mais o critério semântico. O estruturalismo critica a gramática tradicional por misturar os critérios e privilegiar os critérios morfológico e funcional e a teoria gerativa transformacional por definir só em termos de propriedades sintáticas. Afirmando que o essencial para se tratar a questão de definição dos critérios de definição de classes de palavras têm que levar em consideração a formação de palavras, ou melhor, como as palavras são formadas numa determinada língua.

Ferraz (2006) afirma que as classes de palavras são conceituadas pelo critério semântico, isto é, dão-se de acordo com os significados estabelecidos às palavras de

modo a pertencerem a umas determinadas classes de palavras. Entretanto, “as classes de palavras são definidas pelo critério semântico quando estabelecemos tipos de significado como base para a atribuição de palavras a classes”, e o critério semântico é fundamental para a definição das classes vocabulares produtivas no léxico, mas não é um critério suficiente, pelo menos nos termos das classes estabelecidas. Por exemplo, ações podem ser expressas por nomes e verbos, qualidades são designadas por substantivos e adjetivos, e assim por diante (BASÍLIO, 1987, p. 26).

Outrossim, a língua serve como um meio de expressão e o vocábulo liga-se ao mundo exterior e reflete a cultura da sociedade. Portanto, considera-a assim como “um sistema entrelaçado com todos os seus componentes ligados”. Nesse sentido, ao longo do tempo, na língua, não só as velhas formas desaparecem, como também as novas surgem, bem como as relações entre as formas e seus conteúdos estão constantemente em mudança (CARVALHO, 1987, p.23). Para Carvalho (1987), quanto mais aumentamos o significado de uma forma, automaticamente, provoca-se a redução no significado das partes que dela dependem.

Ferraz (2006, p. 221) considera que a “evolução de uma sociedade” assim como, as “transformações culturais”, incluindo a tradição, a moda, o costume e a crença proporcionam mudanças no léxico, uma vez que esta evolução social e as transformações culturais fazem parte do ambiente e das coisas onde os indivíduos estão inseridos. A pesquisadora salienta que as unidades que caem em desuso e o surgimento de novas unidades na língua possibilitam mudança linguística a nível lexical, pois contribui ricamente no desenvolvimento lexical de uma língua.

Os contextos sociais, assim como culturais, têm uma profunda contribuição na ampliação lexical no contexto moçambicano, resultando em um enriquecimento lexical e devido à “necessidade de designar produtos, conceitos recém-criados em uma outra língua e que são adotados por razões culturais, financeiros, científicos”, entre outros, aí entra a questão da criatividade lexical (TIMBANE, 2013, p. 122).

Basílio (1987) reconhece que, para gramáticos e linguistas, o conceito de palavra sempre constitui um problema. Embora sua definição seja fácil ser reconhecida por falantes em sua língua nativa, porque é uma unidade linguística básica. De forma similar, uma palavra nova não é formada só para ser formada, mas é formada quando se tem uma razão para isso e que abrangeria ao processo de formação (BASÍLIO, 1987).

Nesse olhar de introdução ao estudo do léxico, formação e mudanças lexicais dá-nos para entender o que os teóricos dizem a respeito do tema como uma certa

amplitude linguística inserida em sociedades e culturas diferentes. Na seção a seguir trata-se principalmente da variação lexical e das influências da língua portuguesa nesses espaços distintos.

2. 1. Variação linguística lexical

Bago (2007, p.36), na sua definição segundo a concepção dos sociolinguistas, aponta que a língua é “intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em construção”, mas não como um “produto pronto e acabado” uma vez que se modifica sempre. O autor considera a língua como uma atividade social, coletiva, através da qual os seus falantes se interagem.

A língua portuguesa, com a sua expansão para outros territórios como o Brasil, a Guiné-Bissau e Moçambique, sofreu uma considerável transformação em função de contato do ponto de vista histórico com as línguas nativas faladas nesses territórios, no Brasil, as línguas indígenas, as africanas e as línguas dos imigrantes; o caso da Guiné-Bissau, as línguas nativas e o crioulo, já em Moçambique, as línguas bantu. Esse contato da língua portuguesa com outras línguas provocou uma diversidade linguística e sociocultural. Isso motivou tanto na designação de aspectos de nova realidade através das unidades léxicas oriundas das línguas dos povos nativos, bem como das palavras advindas do português.

Carvalho (1989, p. 13) diz que as “transformações imediatas no sistema lexical” da língua não foram causadas pelas mudanças políticas e culturais visto que são da própria fala, ou seja, do uso da língua que surgem todas as mudanças no léxico, porque as mudanças no sistema lexical, as mudanças das normas e a criação de novas normas são produzidas através da fala. Entendemos que, à medida que as nossas relações sociais se aprofundam em diferentes contextos sociais, políticos e econômicas, a nossa língua vai ganhando outro sentido no que concerne à oralidade.

No que tange à questão da variação lexical do português falado em Guiné-Bissau, Fafina (2012) mostra que a variedade lexical da Guiné-Bissau é mais próxima da de Portugal, pelo fato de o ensino guineense adotar a norma padrão europeia.

Essa variação se dá pela razão de o País, como muitos dos países africanos, ter várias línguas étnicas. No caso da Guiné-Bissau, essas línguas étnicas se somam ao crioulo, que é falado por 90% ou mais dos guineenses (AUGEL, 2007). Demonstra-se também que a análise encontrada a nível lexical do Brasil e da Guiné-Bissau permitiu observar que essas duas variedades se distanciam, tendo em vista que a formação social

e cultural dos dois países é diferente (FAFINA, 2012), o que corrobora a afirmação de Labov (1972), que já apontara anteriormente que a língua está sempre em uma constante variação e mudança, movidas sempre pelos fatores linguísticos e extralinguísticos.

Segundo Fafina (2012), as variações do português do Brasil e da Guiné-Bissau se distanciam-se porque a realidade social e cultural dos dois países é diferente. Partindo desse pressuposto, pretendemos propor a análise da variação linguística do português brasileiro como espelho para uma comparação com a variação linguística do português da Guiné-Bissau e de Moçambique.

O que damos a entender como variação linguística léxical consiste em que a língua como um componente cultural sofre em algum momento a outro a sua variabilidade em termos do léxico dependendo do local e da comunidade por onde esse indivíduo está inserido.

Podemos perceber a partir da reflexão de Timbane (2013) que variações lexicais ocorrem pelos motivos culturais, sociais e geográficos e também em função das influências das línguas locais.

Ainda, Timbane (2013), afirma que os conceitos da variação e mudança estão intimamente interligados, porque o léxico é a face mais notável da língua e que a sua variação é originada, muitas vezes, pelo contato linguístico entre línguas, como no caso de Moçambique, que tem uma situação do português em contato com mais de vinte línguas bantu moçambicanas e do inglês, no entanto, com essa dinamicidade, gera outras variantes lexicais, melhor dizendo, outras formas de designar o mesmo conceito dentre tantas outras ocorrências (ISQUERDO; NUNES, 2012). Podemos perceber, a partir de argumento de Timbane, a conotação que a variação lexical vai assumindo durante a dinâmica da língua.

As línguas bantu, oficiais em Moçambique, são faladas por 10.7% dos moçambicanos e influenciam no português desse país. Com exemplo dessa influência, temos: *bichar* (fazer a fila), *esquinar* (esperar alguém na esquina), *boatar* (propagar mentiras), *depressar* (andar/fazer rápido), *estilar* (exibir-se), *afinar* (apertar as pessoas no chapa100 ou van), *bala-balar* (correr, andar rápido), *anelar* (pagar dote, lobolar), *panhar* (contrair doenças sexuais), *cabular* (copiar na prova), *barulhar* (fazer barulho), *bater* (roubar), *cabritar* (fazer corrupção) (TIMBANE, 2013, p. 269-270).

No caso de Moçambique, quando uma unidade lexical for inexistente no português, os falantes vão buscar do acervo das suas LB (línguas bantu) para completar o espaço em branco ou vazio, e um exemplo disso é, como diz Timbane (2013, p. 266),

“as crianças brincam do mesmo jeito, as regras são iguais e o que muda é simplesmente o nome, e quando uma palavra não existe em português, eles vão buscar essa palavra nas línguas bantu para preencher a lacuna”.

Por exemplo, as unidades lexicais: *matapa* (folhas de mandioqueira ou prato feito com folhas de mandioqueira), *kwassa-kwassa* (dança tradicional africana), *mamba* (cobra perigosa e venenos), *matorritorri* (cocada), *nembo* (seiva viscosa que é usada para apanhar pássaros), *ntchuva* (jogo tradicional no qual o jogador move pedrinhas colocadas em filas de covas) refletem a realidade local. Essas unidades lexicais provêm da língua *xichangana* para enriquecer o léxico português (TIMBANE, 2013, p. 270). Em comparação, as variedades do português brasileiro, são exemplos na adaptação de novas unidades lexicais dentro do português brasileiro. A unidade léxica X-burger, é adaptação da forma original cheeseburger (sanduíche de carne moída e queijo). O “x-” derivou as outras novas unidades lexicais como: x-bacon, x-salada, x-egue, x-frango.

Com a língua portuguesa falada por cada informante desses diferentes espaços geográficos em estudo, dá para notar ali, as particularidades, ou seja, a especificidade na língua falada em todas as diferentes localidades em estudo, e que os caracterizam como falantes linguísticos do português brasileiro, guineense e moçambicano e pelo fato de existir inúmeras variedades conseguem manter-se em comunicação, ou as mudanças e as variações não atrapalham no ato da comunicação.

Timbane (2013, p. 215) destaca que os contatos sociais são uma das razões segundo as quais o léxico varia e diz que existe diferença nos termos do português brasileiro e moçambicano em função dos contextos socioculturais existentes nos dois países separados geograficamente. Como exemplos do português de Moçambique, temos: *trinco* (volante no PB), *toques* (embaixadinhas, no PB), *pontapé-de-baliza* (tiro de meta, no PB), *fora-do-jogo* (impedimento, no PB). Ainda, este autor acrescenta que, na Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP), cada um desses países apresenta as suas próprias características lexicais que os diferencia dos outros. Alguns exemplos do contexto do português da Guiné-Bissau, os “Guiné-bissauismos”, *tabanka* (aldeia), *ponta* (fazenda), *toca-toca* (van para os bairros da cidade de Bissau), *bentana* (tipo de peixe), *lopé* (pano que os homens põem em substituição ao calção ou bermuda), *fole* (fruto silvestre, parecido com maracujá, que serve para fazer sucos).

Então, o meio social e a cultura são fatores determinantes quando se trata de variações linguísticas, porque os três países não herdaram ou receberam esta língua que é comum a eles da mesma maneira. Consoante a concepção de Timbane (2013, p. 125-

126), “a maior parte do Guiné-Bissauismos provêm do crioulo” e “dos moçambicanos das diversas LB faladas no território” e por fim afirma que “os brasileirismos surgem da necessidade de registrar um conjunto de léxico que é diferente do português europeu ou de outros países lusófonos, mas que reflete a realidade do povo brasileiro”. Todavia, no contexto guineense, não só se provêm da língua crioula falada no país, mas provêm também das demais línguas locais espalhadas em todo o território da Guiné-Bissau, porque o próprio crioulo é influenciado por essas línguas.

É possível que os falantes recorram à língua crioula, materna de grande número de guineenses, para o preenchimento de lacunas do vocabulário em português, como ocorre com o vocábulo “caçula” em português, que é substituído por “codé”, em crioulo, em alguns inquéritos (TIMBANE, 2013, p. 270). Dentro do nosso inquérito podemos ter uma certa compreensão de que, no decorrer das falas dos informantes submetidos ao inquérito, compreendemos essa variabilidade no momento em que se fala e a dinâmica que o informante usa na relação de emissor e receptor.

De acordo com Bagno (2007, p.36), a língua e a sociedade estão entrelaçadas de tal forma que uma influencia a outra e uma constitui a outra. Para sociolinguística, “a disciplina que se preocupa em estabelecer fronteiras entre os diferentes falares de uma língua” (FIORIN, 2011, p. 125), é impossível estudar a língua sem estudar a sociedade em que ela é falada.

Nesse olhar de variação linguística lexical, damos-nos para entender as discussões que se fazem em torno do tema como uma certa amplitude linguística que está inserida em sociedades e ambientes distintas a nível social e cultural. Em seguida, a próxima seção trata principalmente do contexto do ponto de vista geográfico e da influência que a língua recebe durante o cotidiano.

2.2 Geossociolinguística

Inicialmente, antes do processo de construção do estudo sociolinguístico e dialetológico já havia diversificados usos da língua espalhadas espacialmente na terra, como veículo ou meio de comunicação de um conjunto de indivíduos que compartilham a mesma língua nas suas interações sociais que marca seu dia a dia.

O processo de construção do estudo sociolinguístico e dialetológico teve o seu início nos estudos geolinguísticos, a partir do final do século XIX. Voltado para a compreensão de processos de construção sociolinguísticos e espaciais, a geolinguística

explica as variações linguísticas de acordo com as diversas sociedades, os diversos espaços e lugares específicos (dialetologia) (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 11).

Nessa perspectiva, é importante ressaltar o espaço onde os estudantes brasileiros, guineenses e moçambicanos, dos quais 36 informantes que usam a língua portuguesa para se interagem diariamente foram submetidos a questão QSL. Esse espaço designa-se como Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, que fica situado em Redenção, Ceará, Brasil. Tendo Redenção, segundo a sua própria história, a primeira cidade a libertar escravizados no Brasil.

Antes de definir a dialetologia como ramo de ciência da linguagem dentro da linguística, há toda uma necessidade preliminar de conceituar a língua e o dialeto.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 11-13), a língua define-se do seguinte modo:

Uma língua é um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de processo histórico, evolutivo. Fala-se, portanto, de uma língua histórica portuguesa, espanhola, francesa, etc., ou seja, existe em cada uma delas uma estrutura fônica, gramatical e lexical definida e distinta das demais. Cada uma dessas estruturas, a do português, a do espanhol, a do francês, etc., é o resultado da diversificação de uma língua anterior, o latim, que teve a sua própria organização estrutural modificada no tempo e no espaço.

O dialeto é definido como aquele que:

Depreende-se, então que, os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertence a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da língua. Tudo isso deixa evidência a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nele contida. Desse modo chegar-se-á mais perto do conceito de dialeto subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a língua (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 11-13).

Por outro lado, conforme Ferreira e Cardoso (1994, p.16), dialeto é como “um feixe de isoglossas” por estabelecer um conjunto de traços convencionais que limita regiões com as mesmas características dialetais. Assim, define-se dialeto como um por se somar um conjunto de isoglossas que mostram a homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras. Isso, por essa uniformidade faz perceber que, pelos conjuntos de isoglossas, não há limites rígidos entre as línguas devido ao fato de que toda língua histórica é constituída por dialetos.

Camara Jr. (1975, 120 - 121), aponta que o francês Gaston Paris, ao contrário de alguns linguistas, diz que não havia dialetos unitários numa comunidade linguística. E sustentava a sua tese na ideia de que apenas deparam-nos com dados concretos particulares de carácter dialetal de tal forma que constituem uma área autônoma, independente, que é o dialeto, e cada traço dialetal tem sua própria extensão como linha isoglóssica, ou seja, a linha que, num mapa linguístico, indica as áreas em que se concentram determinados traços linguísticos; pode ser fônica, morfológica, léxica ou sintática, de acordo com a natureza do elemento linguístico focalizado diferente de outras linhas isoglóssicas a fim de estabelecer um conjunto de traços linguísticos diferentes a outros feixes (ou traços convencionais que limitam regiões com as mesmas características dialetais).

A dialetologia é definida “como um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15). Há toda uma descrição à luz da história do percurso da linguagem humana durante a construção das sociedades em formas de línguas como mostra Cardoso a seguir:

O interesse pelo estudo sistemático da diversidade de usos da língua e a evidência de certa preocupação universal com as diferenças dialetais perpassam a história dos povos em todos os momentos, ora como simples constatação, ora como mecanismo político auxiliar à luta, ora como mecanismo de descrição das línguas, até assumir-se como estudo sistemático, com objeto próprio e metodológico definida, a partir do século XIX (CARDOSO, 2010, p. 27).

Os estudos dialetológicos surgem como ciência da linguagem necessariamente para identificar, descrever, situar os diversificados usos linguísticos que os seres falantes fazem da língua.

O que marca o caminho do estudo da dialetologia brasileira deve-se a um capítulo escrito para o livro *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe* registrado em 1826, por Domingos Borges de Barros, visconde de Pedra Branca a pedido de geógrafo vêneta Adrien Balbi.

Tendo em conta o marco da primeira manifestação dialetológica no Brasil é dividida em três fases, segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 37-62):

A primeira fase (1826 a 1920) é aquela marcada pela publicação de O Dialeto Caipira de Amadeu Amaral. A produção de trabalhos nessa fase era voltada para o estudo de léxico e suas especificidades no Brasil e foram produzidos numerosos

dicionários, vocabulários e léxicos regionais. A primeira fase de história dos estudos dialetais assentava-se principalmente na listagem das obras de carácter lexicográfico tal como glossário ou dicionários

A segunda fase é definida por Ferreira e Cardoso (1994) como aquela que se inicia com a publicação da obra de Amadeu Amaral em 1920, prolonga-se até 1952. Caracteriza-se pela produção de numerosos estudos de natureza lexicográficos voltados para os estudos gramaticais. Na segunda fase deu-se início à preocupação com a metodologia de abordagem voltada para o exame da realidade considerada nos seus diferentes aspectos (desenvolvimento da dialetologia) à publicação de dois trabalhos em 1922, o dialeto caipira e o linguajar carioca de Antenor Nascentes.

A Terceira fase, segundo Ferreira e Cardoso (1994), é marcada pela lei decretada no Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, com o intuito de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Daí surge à história e a necessidade da elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, na qual se assenta o estudo geolinguístico ou da geografia linguística no Brasil.

O ALIB foi criado com o intuito de criar o Atlas Linguístico do Brasil e de alcançar os seus objetivos como a descrição da realidade espacial, o fornecimento de dados que possam contribuir para o aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem da língua materna, a indicação que evidencia a ligação da geolinguística com as outras áreas do conhecimento e amostra do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado e que possui várias normas de uso, mas atribuído de uma unidade sistêmica (CARDOSO, 2010, p. 170 - 171).

Nascentes (1958, *apud* Cardoso, 2010, p. 142 - 143) aponta que nas bases para a elaboração do atlas linguístico, primeiramente, foi elaborado atlas regionais para depois juntá-los em uma atlas geral, resultado das dificuldades, sobretudo da extensão territorial do Brasil e da precariedade de vias de comunicação.

O estudo geossociolinguístico leva em consideração a terra e o homem, visto que, a geolinguística designada exclusivamente um método dialetológico e comparativo e com um desenvolvimento extraordinário no século XX pelo fato de considerar a terra como o “habitat” do homem e ao mesmo tempo considera pertencentes ao seu objeto todas as realizações humanas que tenham extensão no espaço. Isto é, por revelarem um aspecto essencial das relações entre a vida social e o cultural do homem e o seu ambiente natural (COSERIU, 1982, p. 79). As dialetologias são formas que

caracterizam os grupos específicos através da sua forma peculiar de enunciar a comunicação.

De natureza igual, Cardoso (2010) dá-nos a entender a geolinguística ou geografia linguística como um método de alcançar, de maneira profunda, os traços e as formas particulares e específicas da língua.

Os procedimentos metodológicos desse trabalho baseiam-se nos do projeto ALIB, que foi criado com o intuito de construir um questionário dialetológico e ou geolinguístico tratando assim de um instrumento de coleta de dados elaborado para todas as regiões do Brasil. Por meio do estudo dialetológico, foi possível propor a descrição dos diferentes usos que se fazem da língua portuguesa no nível “ciclo da vida” dos três países de língua portuguesa separados socialmente, culturalmente e geograficamente. De certa forma contribuir para o estudo variacionista, principalmente considerando a variedade do português da Guiné-Bissau, ainda pouco conhecida e analisada pelos estudos linguísticos.

Na obstante, como a dialetologia tem dois caminhos a respeito dos fenômenos linguísticos que se identificam nos estudos dialetais “a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico” (CARDOSO, 2010, p.26), foram analisadas e descritas as diversas variedades do português falado pelos acadêmicos da Unilab tendo em conta vida social e cultural desses falantes e o seu ambiente natural (espaço geográfico) como também as suas especificidades no uso da língua portuguesa. Focamos também no que dizem os teóricos sobre esse fenômeno linguística. Deste modo, na língua tem que ter esse olhar de que:

[...] é preciso sempre levar em consideração que as formas não “viajam” por si mesmas, mas são introduzidas no acervo de um indivíduo através da fala de outro indivíduo, mediante contatos que não implicam uma continuidade de áreas, porque os indivíduos se transferem de uma área para outra com todos os seus hábitos linguísticos, e também de contatos indiretos. Uma língua comum, por exemplo, não se difunde por irradiação mecânica partir de um único centro (que pode ser a capital), mas irradia-se todos os centros em que pelo menos um indivíduo a emprega, ainda que parcialmente, como falante ou como “ouvinte” (por exemplo, escutando o rádio ou lendo livros e jornais) (COSERIU, 1982, 112-113).

Conforme aponta o autor, nenhuma forma linguística tem autonomia de entrar na fala de indivíduos por si mesma, elas (as formas ou normas) são compartilhadas por falantes que dividem mesmo espaço geográfico e, conseqüentemente, a mesma língua (algo comungado por todos), uma vez que não existe língua sem o falante. As novas

formas podem ser adotadas em outras comunidades de fala devido à mobilidade de falantes, levando consigo seus hábitos linguísticos. O autor continua a dizer que a difusão de uma língua comum não é feita de forma mecânica, ou seja, de comunicação verbal entre os falantes, mas também por outros meios de interação, como uma conversa entre duas ou mais pessoas (neste caso o indivíduo é falante e ouvinte). Outro meio é quando o falante só recebe (no caso de escutar o rádio, ler os livros, os jornais, as revistas etc.) que pode ser considerado como forma passiva, visto que o falante é um simples ouvinte.

Camara Jr. (1975, p. 125) ressalta que, além disso, é importante a geolinguística como uma nova abordagem ao estudo comparativo. Em vez de ter que recorrer aos textos antigos, de fases passadas extintas, o investigador apenas focaliza os aspectos vivos, contemporâneos, da língua aprendendo as formas linguísticas no intercâmbio oral. Obtém uma corrente evolucionária pela comparação das muitas variantes de cada forma, cuja distribuição no espaço pode ser traduzida numa distribuição através do tempo de acordo com as regras metodológicas.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza geossociolinguística e dialetológica, baseia-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da lexicologia e da sociolinguística (LABOV, 1972) e restringe-se a um estudo da variação linguística lexical no português falado em três países: Brasil, Guiné-Bissau e Moçambique.

Para elaborar este trabalho, a pesquisa se estrutura nas seguintes etapas: i) seleção bibliográfica (livros, teses, dissertações, artigos e outros meios de informações periódicas; ii) seleção do corpus, com coleta de dados através da aplicação de questionários de nível lexical a estudantes brasileiros, guineenses e moçambicanos da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Foram consideradas as respostas obtidas por meio da aplicação do questionário a 36 (trinta e seis) informantes dos três países, sendo 12 (doze) de cada país. Foram selecionadas dezasseis (16) questões do questionário semântico-lexical (QSL), um modelo do questionário elaborado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), referente ao campo semântico “ciclo da vida”.¹

A aplicação dos questionários para os estudantes do Brasil, da Guiné-Bissau e de Moçambique foi elaborada da forma escrita, diferentemente da metodologia que o projeto ALiB adota, em que é gravada a fala dos informantes. As respostas foram registradas graficamente com estudantes do Brasil, da Guiné-Bissau e de Moçambique recém-chegados e com mais de seis meses de estadia no Brasil; iii) Na última etapa fizemos a de análise dos dados e, a partir disso analisamos os itens lexicais que têm os seus sentidos alterados em função do contexto social e cultura, as diferenças existentes entre as três variedades e os itens lexicais mais recorrentes.

Para composição da amostra, relativa às localidades da pesquisa, foram considerados apenas os informantes com o seguinte perfil: sexo – homens e mulheres; idade – de 18 a 30 anos; escolaridade – sujeitos cursando nível superior; e naturalidade – o informante deve ser natural da localidade da pesquisa.

Para a nossa metodologia, como já apontado, escolhemos dois grupos de estudantes universitários guineenses e moçambicanos da Unilab: com mais e menos de seis meses no Brasil, para poder analisar se houve ou não a influência do português brasileiro (PB) no português falado por esses estudantes. Dessa forma, como já se apontou, a pesquisa foi composta com um total de dezoito (18) informantes homens e

¹ Ao final do trabalho, em anexo, apresenta-se o questionário empregado na pesquisa.

dezoito mulheres, sendo eles seis (6) homens e seis (6) mulheres brasileiros, três (3) homens guineenses e três (3) mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil, três (3) homens e três (3) mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil, por fim três (3) homens moçambicanos e cinco (5)² moçambicanas com mais de seis meses no Brasil, três (3) homens moçambicanos e uma (1) moçambicana com menos de seis meses no Brasil.

No momento de fornecerem as respostas, os informantes tinham a liberdade de responder mais de uma palavra para cada questão, caso houvesse mais de um termo que se encaixasse na resposta.

Os dados foram analisados da seguinte maneira: quais as lexias possíveis para denominar determinados momentos do ciclo da vida humano no português falado pelos informantes brasileiros, guineenses e moçambicanos.

² A pesquisa inicial era a de dividir os informantes de forma equânime, entretanto o perfil moçambicana recém-chegada não foi preenchido, recorrendo-se, à consideração de cinco (5) moçambicanas com mais de seis meses e uma (1) com menos de seis meses no Brasil.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Questão 1

No universo dos informantes selecionados, foram coletados itens lexicais como sendo as respostas para a questão 1, adaptadas das perguntas QSL (Questão semântico-lexical) do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) - “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”: o Quadro 1 indica os registros desses itens lexicais distribuídos pelos brasileiros, guineenses e moçambicanos com mais e menos de seis meses no Brasil.

Quadro 1: Levantamento dos itens lexicais que designam “o ciclo menstrual” no português falado no Brasil, Guiné-Bissau e Moçambique.³

As denominações para o ciclo menstrual.									
Questão 1. As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?									
Brasileiros	Brasileiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
menstruação (6)	menstruação (5)	menstruação (3)	menstruação (3)	menstruação (3)	menstruação (3)	menstruação (3)	menstruação (5)	menstruação (3)	menstruação (1)
período menstrual (1)	período menstrual (1)	período (1)		período (1)	período (1)	período (1)	período menstrual (1)	período (2)	período (1)
				período menstrual (1)		Tempo de período menstrual (1)			
	ciclo menstrual (1)	ciclo menstrual (1)							
ficado vermelho (1)				benfica (1)					
	TPM (tensão pré-menstrual) (1)								
bode (2)	bode (2)								
	chico (1)								
regra (1)	regra (1)								

³ Na tabela, os números, entre parênteses, após o item lexical, indicam a quantidade de vezes que ele foi mencionado pelos diferentes falantes.

Por meio do quadro 1, observamos que as formas lexicais relacionadas a este ciclo apresentam variações tanto para a comunidade acadêmica dos falantes do português brasileiro, quanto do português de Guiné-Bissau e de Moçambique.

Houve maior ocorrência da forma lexical *menstruação*. Para os brasileiros, a variação da lexia *menstruação ocorreu* seis (6) vezes e cinco (5) para as brasileiras, três ocorrências para os guineenses com mais de seis meses no Brasil e três (3) para as guineenses com mais de seis meses no Brasil, três (3) ocorrências para os guineenses com menos de seis meses no Brasil e três (3) para as guineenses com menos de seis meses no Brasil, três (3) ocorrências para os moçambicanos e cinco (5) para as moçambicanas com mais de seis meses no Brasil, três (3) para os moçambicanos e uma (1) para moçambicana com menos de seis meses no Brasil.

As lexias *TPM (Tensão pré-menstrual)*, *Chico*, *Ficado vermelho*, *Benfica* e *Tempo de período menstrual* são as que menos ocorreram.

Todos os informantes empregaram lexias como *menstruação*, *período menstrual*, *ciclo menstrual* e *período*, apontando que esses itens são recorrentes em todas as variedades investigadas.

Em alusão à unidade lexical *bode* para nomear o sangue que a mulher perde todos os meses, segundo Benke (2012, p. 90-91) existe a possibilidade de ser o resultado da analogia estabelecida entre o cheiro exalado do bode e o cheiro do sangue que a mulher elimina durante o período da menstruação. Ou, além disso, apontamos que pode também ser uma analogia relacionada ao sangue de bode, quando é sacrificado. Daí percebe-se que a unidade lexical *bode* é caracterizada como uma metáfora formada a partir do nome de um animal e essa usada para reportar o sema “odor”. Logo a referência a esse animal para designar a “menstruação” tendo conotação depreciativa e, conseqüentemente, tabuística, haja vista a associação estabelecida entre o mau cheiro do animal e o cheiro do sangue expelido pela mulher.

Fafina (2017, p. 105-106) diz que “as denominações de boi, de bode, regra e outras são usadas a partir de um processo de metáfora, relacionando o sangue de boi ou bode sacrificado ao sangue ciclo menstrual”.

Consoante à suposição levantada por Benke (2012, p. 93), o item lexical *chico*, que foi identificado como denominações do ciclo menstrual, tem origem castelhana e com base no seu sentido castelhano - “pequeno” - quando empregado para nomear o sangue que as mulheres perdem todos os meses, referenciando ou associando isso à forma metafórica ao/a espaço de tempo em que, normalmente, o sangue é eliminado

pela mulher, que corresponde, em média, de 3 a 7 dias. Ainda, partindo da suposição de Benke, pelo fato de essa ser considerada pequena, poderá ser considerado o motivo pelo qual *chico* é usado para designar esse período da menstruação.

Quanto ao uso *regra*, Benke (2012, p. 98) aponta que esta unidade lexical é denominativo para “menstruação” e supostamente faz referência à regularidade, normalidade. É expressa semanticamente por *regra* em associação ao ciclo menstrual que teoricamente acontece regularmente todos os meses. De fato, é extremamente relevante ressaltar, como mostra a autora, o século XIII como sendo o primeiro datado para esse item lexical, reproduzindo-o uma marca antiga do uso, ou seja, uma marca diacrônica desta variação do uso que é a *regra*.

A lexia “*benfica*” é utilizada como uma metáfora para designar a palavra *menstruação*. O emprego do termo pode apontar o tabu linguístico em relação à temática íntima feminina.⁴ Isquerdo e Nunes vão nos dizer que:

Uma palavra torna-se tabu quando, em um determinado grupo de falantes, é relacionada a credices e a superstições e, por isso, evitada para não provocar constrangimentos, maus presságios, daí a utilização do recurso das substituições, sobretudo, de diferentes figuras de linguagem, dentre as quais o eufemismo e a metonímia. A primeira é utilizada para suavizar determinada expressão “foi-se com Deus”. Já no caso da metonímia, há a mudança de uma unidade lexical por outra, pelo processo de semelhança ou de associação de sentido, como ocorre com o uso de “Madalena” para designar a prostituta COSERIU (1982 *apud* ISQUERDO E NUNES, 2012, p. 220).

Na sociedade guineense, haveria, dessa forma, um tabu para a expressão de certas lexias referentes ao sexo ou ao órgão genital e proferir tais expressões na presença dos mais velhos seria uma forma de desrespeitá-los. Por isso, os falantes recorrem à metáfora *benfica*, que normalmente designa uma equipa de futebol de Portugal e a cor desse time é vermelha, logo, pelo fato de a cor da equipa ser vermelha, os falantes utilizam o termo, associando a cor vermelha da camisa à tonalidade do sangue do período menstrual, para se referir à menstruação.

4.2 Questão 2

No universo dos informantes selecionados, foram coletados itens lexicais como sendo as respostas para a questão 2, adaptadas das perguntas QSL (Questão semântico

⁴ Conforme afirma Augras (1989, p. 13), o termo *tabu* surgiu pela primeira vez num dos relatos de viagem do inglês à Oceania, precisamente nas Ilhas Tonga, onde registrou o comportamento linguístico dos nativos *Tapu*, e esta expressão refere-se ao que é sagrado e proibido, bem como as lexias utilizadas para designar isso.

lexical) do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) - “Numa certa idade acaba a/o _____(cf. item 1). Quando isso acontece, se diz que a mulher está _____.”.

Como se indica no Quadro 2 os registros desses itens lexicais distribuídos pelos brasileiros, guineenses e moçambicanos com mais e menos de seis meses no Brasil.

Quadro 2: Levantamento dos itens lexicais que designam “*na menopausa*” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

As denominações para entrar na menopausa									
Questão 2. Numa certa idade acaba a/o _____(cf. item 1). Quando isso acontece, se diz que a mulher está _____.									
Brasileiros	Brasileiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
menopausa (5)	menopausa (6)	menopausa (3)	menopausa (3)		menopausa (3)	menopausa (2)	menopausa (5)	menopausa (3)	menopausa (1)
não sabe (1)				não sabe (3)		não sabe (1)			

No segundo quadro, ocorrem mais as variações da lexia *menopausa* entre os falantes brasileiros cearenses do PB: verificamos cinco (5) ocorrências para os brasileiros e seis para as brasileiras (6), três (3) ocorrências para os guineenses que estão a mais de seis meses no Brasil, e (3) para as guineenses com mais de seis meses no Brasil, e, zero (0) ocorrência para os guineenses que estão menos de seis meses no Brasil ocorreu três (3) vezes para as guineenses com menos de seis meses no Brasil. Com os moçambicanos com mais de seis meses no Brasil, houve duas (2) ocorrências e cinco ocorrências para as moçambicanas com mais de seis meses no Brasil, três ocorrências (3) para os moçambicanos com menos de seis meses no Brasil e uma (1) ocorrência para a moçambicana com menos de seis meses no Brasil.

As variações das formas lexicais que eles têm em comum são *menopausa*, *na menopausa* e verificamos menos ocorrência de *em menopausa*.

(1)									
de buxo (1)									
						mulher grávida (2)			
							estado (1)		

No quadro 3, da questão 3, nas formas lexicais *grávida*, verifica-se mais variações, registrando, assim, seis (6) ocorrências para os brasileiros e seis (6) para as brasileiras, seis (3) para os guineenses e três (3) para as guineenses com mais de seis meses no Brasil, três (3) para os guineenses e três (3) para as guineenses com menos de seis meses o Brasil, uma (1) ocorrência para os moçambicanos e quatro (4) ocorrências para as moçambicanas com mais de seis meses no Brasil e três (3) para os moçambicanos e uma (1) ocorrência para as moçambicanas com menos de seis meses no Brasil. Também houve mais variações das lexias *gestante*, *buchuda*, *preña*.

Registram-se poucas variações nas formas lexias *gravidez*, *gráuda*, *de bucho*, *preñhada*, *estado*.

Para *grávida* e *gestante*, todos os grupos de falantes apontaram como comuns estas unidades lexicais.

Tanto nos falares dos acadêmicos da Guiné-Bissau e moçambicanos com mais e menos de seis meses no Brasil houve a influência do português brasileiro (PB) nas suas formas de expressarem referidamente na lexia *gestante*.

Na questão 3, sobre “grávida” para os estudantes guineenses e moçambicanos, registramos poucas lexias em relação aos estudantes brasileiros. Há possibilidade de explicar isso pelo fato de estes estudantes oriundos dos países africanos não terem o português como língua materna, enquanto que os brasileiros têm a língua portuguesa como língua materna. Se tivessem o português como a língua materna, provavelmente teriam mais lexias para nomear o conceito grávida.

Em síntese, registram-se no português falado pelos brasileiros vários itens lexicais para nomear a *grávida* ao passo que foram registrados poucos para os guineenses e moçambicanos.

4.4 Questão 4

No universo dos informantes selecionados, foram coletados os itens lexicais coletados como sendo as respostas para a questão 4, adaptadas das perguntas QSL

(Questão semântico lexical) do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) - “E quando a criança vai nascer, a mulher vai? _____”.

Como se indica no Quadro 4, os registros desses itens lexicais distribuídos pelos brasileiros, guineenses e moçambicanos com mais e menos de seis meses no Brasil.

Quadro 4- Levantamento dos itens lexicais que designam “*dar á luz*” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

As denominações para dar à luz									
Questão 4. E quando a criança vai nascer, a mulher vai? _____.									
Brasileiros	Brasileiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
dar à luz (2)	dar à luz (4)	dar à luz (3)	dar à luz (2)	dar à luz (3)	dar à luz (2)	dar à luz (1)	dar à luz (5)	dar á luz (1)	dar á luz (1)
parir (6)	parir (6)	parir (1)	parir (3)	parir (2)	parir (1)	parir (1)	parir (2)	parir (1)	parir (1)
terminar (1)									
ter filho (2)									
Ter neném (1)				bebê vai nascer (1)					
						ao parto (1)			
						dar parto (1)	dar parto (2)	dar parto (3)	

Houve mais ocorrências das lexias *dar à luz* e *parir* em todas as diferentes variedades do português. Os falantes brasileiros, guineenses com mais e menos de seis meses no Brasil e moçambicanos com mais e menos seis meses no Brasil apresentam as mesmas ocorrências: *dar à luz* e *parir*.

Ter menino, ter neném, bebé vai nascer, ao parto são as formas que apresentaram menos variações.

Podemos ver um termo diferenciado: *dar parto*, no português moçambicano para designar dar à luz.

4.5 Questão 5

No universo dos informantes selecionados, foram coletados itens lexicais como sendo as respostas para a questão 5 adaptadas das perguntas QSL (Questão semântico lexical) do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) - “Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer?”.

Como se indica no Quadro 5 os registros desses itens lexicais distribuídos pelos brasileiros, guineenses e moçambicanos com mais e menos de seis meses no Brasil.

Quadro 5: Levantamento dos itens lexicais que designa “*parteira*” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

As denominações para parteira									
Questão 5. Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer?									
Brasileiros	Brasileiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
parteira (6)	parteira (6)	parteira (3)	parteira (3)	parteira (3)	parteira (3)	parteira (3)	parteira (5)	parteira (3)	parteira (1)
enfermeira	enfermeira		enfermeira						

		meses no Brasil	meses no Brasil	meses no Brasil	meses no Brasil	Brasil	no Brasil	Brasil	no Brasil
gêmeos (6)	gêmeos (6)	gêmeos (3)	gêmeos (3)	gêmeos (3)	gêmeos (3)	gêmeos (3)	gêmeos (5)	gêmeos (3)	gêmeos (1)

Nesta questão, não há variação para a lexia *gêmeos* e é comum para os falantes da comunidade acadêmica cearense do Brasil, da Guiné-Bissau e de Moçambique.

4.7 Questão 7

Seguem as respostas para a questão 7, adaptadas das perguntas QSL (Questão semântico lexical) do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) - “Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve?”.

Como se indica no Quadro 7, os registros desses itens lexicais distribuídos pelos brasileiros, guineenses e moçambicanos com mais e menos de seis meses no Brasil.

Quadro 7- Levantamento dos itens lexicais que designam “*aborto*” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

A denominação para aborto									
Questão 7. Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve?									
Brasileiros	Brasileiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
aborto (4)	aborto (5)	aborto (3)	aborto (2)	aborto (3)	aborto (3)	aborto (2)	aborto (5)	aborto (2)	aborto espontâneo (1)
aborto espontâneo (2)	aborto espontâneo (1)		aborto espontâneo (1)		aborto espontâneo (1)			aborto espontâneo e induzido (1)	
					aborto				

					induzi da (1)				
					aborto ilegal (1)				
				perdeu bebê (1)	perda de filho (1)	perdeu filho (1)			
						perda de gravidez (1)			

Foram registrados mais itens lexicais como o *aborto*, *aborto espontâneo* e *aborto induzido*. As lexias *perdeu bebê*, *perda de filho*, *perdeu filho*, *perda de gravidez* tiveram menos ocorrências. Com levantamento de dados é notório que em todas as ocorrências os falantes têm em comum as lexias *aborto*, *aborto espontâneo*.

4.8 Questão 8

A questão 8, adaptada das perguntas QSL (Questão semântico lexical) do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) – trata de “Quando a mulher fica grávida, e por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela ____.”. Seguem os resultados no quadro 8.

Quadro 8- Levantamento dos itens lexicais que designam “*abortar*” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

A denominação para abortar									
Questão 8. Quando a mulher fica grávida, e por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela ____.									
Brasileiros	Brasileiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
aborto	aborto	aborto	aborto	aborto	aborto	abortou	aborto	aborto	abortou

u (3)	u (3)	u (3)	u (2)	u (3)	u (2)	(1)	u (4)	u (3)	(1)
perdeu o menin o (2)		perdeu a gravid ez (1)			perdeu filho (1)			perdeu (1)	perdeu filho (1)
perdeu bebê (1)									
perdeu à crianç a (1)	perdeu à crianç a (2)								
não segur a à crianç a (1)	não segura à crianç a (1)								
	interro mpeu a gestaç ão (1)		sofreu interru pção de gravid ez (1)			sofreu um aborto (1)			
					aborta (1)				
						abortou a gravidez (1)			

A forma lexical “abortou” é verificada como a de maior ocorrência entre todos os informantes, tanto brasileiros, guineenses como moçambicanos.

E houve poucas ocorrências das unidades lexicais *interrompeu gestação*, *perdeu a criança*, *não segura à criança*, *perdeu o menino*, *perdeu o bebê*, *não segura criança*, *perdeu gravidez*, *sofreu interrupção de gravidez*, *aborta*, *sofreu um aborto*, *abortou a gravidez*, *perdeu e perdeu filho*.

4.9 Questão 9

Segue, no quadro 9, os resultados para a questão “Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher que amamenta a criança?_____”.

Quadro 9- Levantamento dos itens lexicais que designam “*ama-de-leite*” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

A denominação para Ama-de-leite									
Questão 9. Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher que amamenta a criança?_____.									
Brasileiros	Brasileiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil
ama-de-leite (1)	ama-de-leite (4)		ama-de-leite (1)		ama-de-leite (1)		ama-de-leite (1)		
mãe de leite (4)	mãe de leite (3)						mãe de leite (1)		
mama de leite (1)									
amamentadora (1)									
	mãe de criação (1)								
			leiteira (1)						
						doadora (1)			
						outra mulher (1)			
				ama			amma		

				(1)			(3)		
		não sabe (3)	não sabe (1)	não sabe (2)	não sabe (2)	não sabe (1)		não sabe (3)	não sabe (1)
							nunca presenciou (1)		

Constatam-se mais ocorrências das lexias *ama-de-leite*, *mãe de leite*, *amma*, *leiteira* e menos ocorrências da *mãe de criação*, *mama de leite*, *amamentadora*, *ama*, *doadora*.

Houve apenas uma ocorrência de *nunca presenciou*. Isso pode ser motivo no qual o informante desconhece esta lexia na sua língua.

Houve treze (13) ocorrências do *não sabe*, apontando que é uma prática rara nessas duas sociedades africanas (sociedade guineense e moçambicana). Por exemplo, na sociedade guineense pode-se até dizer que é difícil uma mãe dar à luz e levar o seu filho para outra mulher amamenta-lo, enquanto no Brasil é mais presente.

É provável a influência do português brasileiro no português dos informantes guineenses com mais e menos de seis meses no Brasil e moçambicanos com mais de seis meses no Brasil que corresponderam *ama-de-leite*.

4.10 Questão 10

A questão 10, versava sobre “O próprio filho da _____(cf. item 9) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?__”. No quadro 10, os registros desses itens lexicais distribuídos pelos brasileiros, guineenses e moçambicanos com mais e menos de seis meses no Brasil.

Quadro 10- Levantamento dos itens lexicais que designam “Irmão de leite” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

As denominações para Irmão de leite									
Questão 10. O próprio filho da _____(cf. item 9) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?__.									
Brasileiros	Brasileiras	Home guineenses com mais de seis	Mulheres guineenses com mais de seis	Home guineenses com menos de seis	Mulheres guineenses com menos de seis	Home moçambicanos com mais	Mulheres moçambicanas com mais de seis	Home moçambicanos com menos	Mulheres moçambicanas com menos de seis

		meses no Brasil	meses no Brasil	meses no Brasil	meses no Brasil	de seis meses no Brasil	meses no Brasil	de seis meses no Brasil	meses no Brasil
irmãos de leite (3)	irmãos de leite (3)	irmãos (1)	irmãos de leite (1)		ama- de- leite (1)		irmãos de leite (1)		
irmãos por parte de leite (1)	irmãos (1)		irmãos (1)	irmãos (1)		irmãos (1)			
			irmãos por afinida de (1)						
depen de do parent esco da mãe (1)	não tem relaç ão (1)							nada porque tem nenhu m parent esco (1)	
nada (1)	nada (2)								
		não sabe (2)		não sabe (2)	não sabe (2)	não sabe (2)	não sabe (1)	não sabe (3)	não sabe (1)

Nessa questão, houve mais a ocorrência da lexia *irmão de leite* e *irmãos*. Menos ocorrências de *irmãos por parte de leite*, *irmãos por afinidade*.

É possível que alguns informantes guineenses e moçambicanos com mais e menos seis meses no Brasil desconhecem o item lexical para nomear o conceito *irmão de leite*. Doze (12) responderam *não sabe* e, em comparação com a questão 9, estes pesquisados talvez possam não saber que relação atribuir a ambos os filhos por não saberem a lexia para nomear a questão 9.

4.11 Questão 11

A questão 11 apresentava-se da seguinte forma: “Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?_____”.

No Quadro 11, os registros desses itens lexicais distribuídos pelos brasileiros, guineenses e moçambicanos com mais e menos de seis meses no Brasil.

Quadro 11- Levantamento dos itens lexicais que designam “filho adotivo” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

As denominações para filho adotivo									
Questão 11. Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse? _____.									
Brasileiros	Brasileiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
filho adotivo (2)	filho adotivo (2)	filho adotivo (2)	filho adotivo (1)	filho adotivo (2)	filho adotivo (1)	filho adotivo (2)	filho adotivo (4)	filho adotivo (1)	filho adotado (1)
filho adotado (4)	filho adotado (4)	filho adotado (1)	filho adotado (2)	filho adotado (1)	filho adotado (2)		filho adotado (1)	filho adotada (2)	
filho (1)						filho (1)			
	de criação (1)								
						criança adotivo (1)			
						criança adotado (1)			

Como respostas para denominar *filho adotivo*, as lexias com mais números de ocorrências são *filho adotivos*, *filho adotado*, *filho* e as com menos números de ocorrências são *de criação*, *criança adotiva*, *criança adotada*.

Aqui notamos a influência do português brasileiro no português falado pelos estudantes guineenses com mais e menos de seis meses no Brasil e também pelos estudantes moçambicanos com mais e menos de seis meses no Brasil porque, para os africanos que falam o português, tendem mais a seguir a norma padrão do português europeu (PE), diferente dos brasileiros, o mais comum é a lexia *filho adotado*. Por isso, é provável a influência do português brasileiro no que é falado na Guiné-Bissau e no Brasil.

4.12 Questão 12

Dando sequência à apresentação dos resultados, passamos a tratar da questão “Como se chama o filho que nasceu por último?_____”. No quadro 12 os resultados para a questão.

Quadro 12 - Levantamento dos itens lexicais que designam “caçula” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

As denominações para caçula									
Questão 12. Como se chama o filho que nasceu por último?_____.									
Brasil eiros	Brasil eiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
caçula (6)	caçula (6)	caçula (3)	caçula (3)	caçula (3)	caçula (2)	caçula (3)	caçula (5)	caçula (3)	caçula (1)
mais novo (3)	mais novo (2)								
		codé (1)	codé (1)	codé (3)	codé (1)				

A lexia *caçula* é obtida como resposta no português falado pelos informantes do Brasil, da Guiné-Bissau e de Moçambique. *Codé* e *mais novo* tiveram o mesmo número de ocorrências.

Na análise desta tabela, a unidade lexical que mais chamou a nossa atenção é *codé*. Esta aparece como resposta dos estudantes guineenses da Unilab na denominação para caçula. Daí é de notar a influência da língua crioula, que é a língua que une todos os guineenses no português falado em Guiné-Bissau.

4.13 Questão 13

No quadro 13 apresentam-se os dados de respostas para a questão “Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino, como se diz?_____”.

Quadro 13 - Levantamento dos itens lexicais que designam “menino” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

As denominações para menino									
Questão 13. Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino, como se diz?_____.									
Brasileiros	Brasileiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
menino (5)	menino (4)	menino (3)	menino (3)	menino (3)	menino (3)	menino (3)	menino (5)	menino (3)	menino (1)
rapaz (1)	rapaz (1)								
garoto (2)	garoto (1)								
pivete (1)									
	rapazinho (1)			rapazinho (2)			rapaz (2)		rapaz (1)
	criança (1)								
					miúdo (1)				
						puto (1)			

A unidade lexical com mais ocorrências é *menino* e faz parte do uso da língua de todos informantes. As com menos ocorrências são *criança*, *pivete*, *miúdo*, *puto*.

A lexia *pivete*, pelas denominações, demonstra um termo diferente que só faz parte do uso da língua, ou seja, do português falado pelos estudantes universitários brasileiros da Unilab e não só, mas um termo comum no PE. *Miúdo* no português falado pelos estudantes da Guiné-Bissau e *puto*, que apareceu como lexia no uso do português de Moçambique. As duas lexias são diferentes, mas o sentido é o mesmo e são denominações para menino.

4.14 Questão 14

A pergunta subsequente é “Se for do sexo feminino, como se chama?_____”. Os resultados do quadro 14 apontam os itens mais referenciados.

Quadro 14 - Levantamento dos itens lexicais que designam “menina” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

As denominações para menina									
Questão 14. Se for do sexo feminino, como se chama?_____.									
Brasileiros	Brasileiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
menina (5)	menina (4)	menina (3)	menina (3)	menina (3)	menina (3)	menina (3)	menina (5)	menina (3)	menina (1)
garota (2)	garota (1)						rapariga (1)		
moça (1)	moça (2)								
	mocinha (1)								
	criança (1)								
					miúda (1)				

A palavra *menina* ocorre como resposta para todos no português dos falantes que compõem este trabalho. A lexia *rapariga* desperta a atenção. Esta, no português brasileiro (PB), no da Guiné-Bissau (PGB) e no de Moçambique (PM) tem sentido diferente. Na variedade brasileira, o termo é usado para denominar as prostitutas, ou melhor, garota de programa, como dizem os brasileiros. No português de Guiné-Bissau e Moçambique, é empregado apenas como sinônimo de menina.

4.15 Questão 15

Prosseguimos com os resultados do quadro 15, que apontam os itens lexicais mais frequentes para a pergunta: - “Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?”.

Quadro 15 - Levantamento dos itens lexicais que designam “madrasta” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

As denominações para madrasta									
Questão 15. Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?_____.									
Brasileiros	Brasileiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
madrasta (6)	madrasta (6)	madrasta (3)	madrasta (3)	madrasta (3)	madrasta (3)	madrasta (3)	madrasta (5)	madrasta (3)	madrasta (1)
									drastas (por serem más) (1)

A lexia *madrasta* tem mais ocorrências e é obtida como respostas de todos pesquisados que compõem a pesquisa.

A lexia *drasta* aparece como resposta de uma informante moçambicana com menos de seis meses no território brasileiro.

4.16 Questão 16

Na sequência, o quadro 16, que aponta os resultados para a questão “Numa conversa para tratar de uma pessoa que já morreu geralmente, as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?_____”.

Quadro 16 - Levantamento dos itens lexicais que designam “falecido” no português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

As denominações para falecido									
Questão 16. Numa conversa para tratar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?_____.									
Brasil eiros	Brasil eiras	Homens guineenses com mais de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com mais de seis meses no Brasil	Homens guineenses com menos de seis meses no Brasil	Mulheres guineenses com menos de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com mais de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com mais de seis meses no Brasil	Homens moçambicanos com menos de seis meses no Brasil	Mulheres moçambicanas com menos de seis meses no Brasil
falecido (2)		falecido (3)	falecido (3)	falecido (3)	falecido (3)	falecido (3)	falecido (5)	falecido (3)	falecido (1)
finado (4)	finado (4)		finado (4)						
defunto (1)	defunto (3)	defunto (1)	defunto (1)				defunto (1)		
morto (1)	morto (1)	morto (1)		morto (1)					
	fulano (1)								
		malogrado-3	malogrado-1	malogrado-1	malogrado (1)	malogrado (2)			

De acordo com a coleta dos dados, a unidade lexical *falecido* apareceu como resposta dos informantes brasileiros, guineenses e moçambicanos e é a que tem mais número de ocorrência. A que tem menos ocorrência é a lexia *fulano*. O *fulano* só aparece como resposta de uma informante brasileira.

Malogrado é a lexia que mais chamou atenção e aponta como termo que só faz parte do conjunto lexical da língua portuguesa falada pelos informantes guineenses e moçambicanos com mais e menos de seis meses no Brasil. Tendo em conta a questão do tabu linguístico, Coseriu (1982, p.71) considera que:

O tabu linguístico, porém, é apenas um aspecto de um fenômeno mais amplo, que é a *interdição de vocabulário* e que possivelmente se deve não só a superstições ou credices, mas também a várias outras razões de índole emotiva ou social; razões de educação, cortesia, boas maneiras, decência, amabilidade, etc. Evitam-se expressões e palavras que se consideram demasiadamente cruas ou descorteses, ou indecentes.

Por essas variadas questões é que as pessoas deixam de expressar certos itens lexicais. Ele traz alguns exemplos que parecem demasiadamente cru, principalmente quando se trata de um parente ou quando se fala na presença de parente do defunto e para dizer que a pessoa morreu, diz que desapareceu, faleceu, foi-se com Deus. No lugar de morto dizem que *desaparecido, finado, coitado, infeliz*. Mesmo que não se importem e mesmo que se trate de um inimigo, evitam proferir palavra *morte*, mas *se foi com o diabo, esticou as canelas* e também empregam outras expressões metafóricas como *trocar a pele, trocar as polainas, soltar as plumas, quebrar cachimbo, fechar o guarda-chuva, comer dentes de leão pela raiz, dar a moeda ao pároco* (COSERIU, 1982, 71)

Relativamente à sociedade guineense, quando o indivíduo morre, deixam de chamá-lo pelo nome, empregando os termos *falecido, malogrado, defunto, foi para o céu, para casa de Deus, Deus o tomou* (para os cristãos), para dizer que alguém morreu, empregam *finado* no lugar de morto. Até no calendário guineense, há o “dia dos finados”, referindo-se às pessoas mortas. “Também usam expressões metafóricas “i quebra kudjer”, que significa em português *quebrar colher*, “i bati bota” que significa *bateu as botas*.

Por questões de mitos que são muito fortes nessa sociedade, é proibido comparar uma pessoa já morta com uma pessoa em vida. Exemplificando, dizer “o falecido morreu quando tinha a idade do João”.

Para as pessoas que morreram vítimas de uma doença prolongada como também para as pessoas bem velhinhas, a morte é vista como um descanso e normalmente diz-se que *ele descansou*. Eventualmente, percebemos que a morte é vista como um descanso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que assenta no tema como “Variação Lexical do Português do Brasil, da Guiné-Bissau e de Moçambique: estudo de caso no QSL - ALIB”, discutida a partir de um panorama baseada na diversificação das línguas de cada nacionalidade que compõem a Unilab, não assume apenas como um trabalho que tem grande dimensão conceitual, mas também tem uma grande relevância para a compreensão das línguas faladas pelas três nacionalidades, no sentido de cada uma perceber a relevância que a sua língua étnica ou materna desempenha perante o português que é colocado a falar.

No nosso estudo podemos perceber que o ambiente da Unilab, como uma universidade que tem como um dos objetivos a internacionalização e interiorização fazem com que cada vez mais a cidade onde está inserida ganhe outra amplitude em relação às línguas de cada nacionalidade que compõem essa universidade. Desta feita, no nosso dia a dia, podemos perceber uma riqueza enorme dentro da estrutura física da universidade, tal como nos espaços como restaurantes universitários, salas de aula, biblioteca, escadas do edifício etc. Uma variabilidade linguística que marca a cultura de cada nacionalidade dentro da Unilab o que tem produzido uma vasta gama de entendimento e valorização das línguas maternas e étnicas de nacionalidades que estão dentro dessa universidade.

Percebemos que a língua é usada pelos indivíduos para expressarem a visão que têm do mundo a sua volta, dos pensamentos, dos sentimentos. Além disso, reflete os valores de uma comunidade linguística, bem como resulta na identificação do uso da língua de cada comunidade.

De acordo com o levantamento e as análises de dados das dezesseis (16) questões do Questionário Semântico-Lexical (QSL), relativamente a “ciclo da vida”, podemos afirmar que há uma pequena diferença nas variedades do português falado no Brasil, na Guiné-Bissau e em Moçambique. No caso do português falado pelos informantes brasileiros, os itens lexicais para denominar um conceito apresentam números menores de ocorrências. Isso se deve ao fato de à Guiné-Bissau não ter o português como língua materna.

Algumas unidades lexicais são específicas no uso da língua portuguesa dos falantes do Brasil, da Guiné-Bissau e de Moçambique em análise. Por exemplo, no português brasileiro dos falantes cearenses da Unilab, por exemplo, as lexias *regra*, *bode*, *chico*, *ficado vermelho*, *de bode*, *buchuda*, *pivete*, etc; por outro lado, as formas *benfica*, *codé* etc., no português da Guiné-Bissau, e *tempo do período menstrual* para o

português de Moçambique. Por fim, *malogrado*, respectivamente no de Guiné-Bissau e de Moçambique. Ademais, outras lexias têm os seus sentidos alterados como *rapariga*, que no português da Guiné-Bissau e Moçambique, é usado para denominar *menina*, e, no português brasileiro, para denominar prostituta ou garota de programa.

Houve casos em que nas variedades de Moçambique e Guiné-Bissau, os falantes desconhecem lexias existentes para nomear um referente, o caso de lexias para designar ama-de-leite. Também léxicos “taburizados”, como exemplo, as lexias *benfica* e *morto* refletindo o ponto de vista social e cultural dos seus falantes.

Com base nesse estudo, essas diversidades linguísticas a nível lexical no campo semântico “ciclo da vida” através das questões aplicadas a informantes brasileiros, guineenses e moçambicanos da Unilab, permitiram-nos notar que as pequenas diferenças nessas variedades se dão por questões de ordem cultural, social e geográfica e também em função das influências das línguas locais.

A pesquisa contribui para descrever as características de variedades do português ainda pouco conhecidas, contrariando a falsa afirmativa de que em Guiné-Bissau se fala o português europeu. Esse estudo soma-se a outros que venham a tratar de outras características dessas variedades.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Vianna. O dialeto rural não é mais aquele. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMA, 2006, p. 23-29. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/O%20L%C3%A9xico%20em%20EstudoGrafia,%20Toponimia,%20Lexicologia,%20Etmologia,%20etc..pdf>>. Acesso em: 13 de out. 2017.
- AUGEL, M. P. O desafio do escomburo: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro, Garamond, 2007. 422 p.
- AUGRAS, Monique Rose Aimee. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BASÍLIO; M. *Teoria lexical*. São Paulo: Editora Ática S. A., 1987.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BENKE, Vanessa Cristina Martins. *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geolinguísticos*. 2012. 244 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- CAMARA JR, Joaquim Matoso. *História da Linguística*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.
- CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOZO, Suzana Alice Marcelino da Silva (2014): *Atlas Linguístico do Brasil (Introdução: vol. 1, 2012p.)*. Londrina: Eduel.
- CARVALHO; Nelly. *Empréstimos Linguísticos*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.
- COSERIU, Eugenio. *O Homem e a sua linguagem*. São Paulo. Universidade de São Paulo, 1982.
- FAFINA, D. M. Língua Portuguesa: *Guiné-Bissau e Brasil: um caso de variação linguística: II Congresso Internacional da Dialectologia e Sociolinguística*. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/540229-ANAIS-II-CIDS-2012/>>. Acesso em 19 set. 2016 a.
- FAFINA. Danilo Mussa. *Tabu linguístico no português falado no Maranhão, Na Bahia e em Guiné-Bissau: um estudo de variação diatópica*. Salvador, 2017.
- FERRAZ, Aderlande Pereira. *A inovação lexical e dimensão social da língua*. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMA, 2006, p. 221-227. Disponível em:

<<http://www.letras.ufmg.br/site/elivros/O%20L%C3%A9xico%20em%20EstudoGrafia,%20Toponimia,%20Lexicologia,%20Etmologia,%20etc..pdf>>. Acesso em: 10 de out. 2017 b.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, SUZANA. *Dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: 6. ed. Contexto, 2011

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda (2007). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. v. III. Campo Grande: Editora UFMS.

ISQUERDO, Aparecida Negri; NUNES, Juliany Fraide. *Tabus linguísticos: UM ESTUDO NO CAMPO LÉXICO DO CORPO HUMANO*. Salvador: Vento Leste, 2012.

LEAL, M. A. da Fonseca; MENDES, S. T. do Prado. “Jeitinho brasileiro” A expressão idiomática no português do Brasil: uma contribuição para o léxico da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMA, 2006, p. 47-55. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/elivros/O%20L%C3%A9xico%20em%20EstudoGrafia,%20Toponimia,%20Lexicologia,%20Etmologia,%20etc..pdf>>. Acesso em: 10 de out. 2017.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MACEDO, R. L. *VARIAÇÃO LEXICAL NA REGIÃO SUL: SEMÁFORO, SINAL OU SINALEIRA? IV CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação*. Universidade Estadual de Londrina, 2013.

OLIVEIRA, A. M. P. P. DE; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: EditoraUFMS, 2001.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Vozes do X WORKALIB: amostras do português brasileiro (orgs)*. Salvador, Vento Leste, 2012.

RODOLFO, Ilari. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.

RODOLFO, Ilari. *Introdução ao estudo de léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2002.

SAUSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: 34 ed. Editora Cultrix, 2012.

TIMBANE, A. A. *A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013a*

TINBANE, A. A. *A variação linguística e o ensino do português em Moçambique. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013 b*

ANEXO

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira
Questionário da pesquisa

Nome completo: _____

Idade: _____

Nacionalidade: _____

Sexo: _____

Tempo no Brasil: mais de seis meses _____ menos de seis meses _____

1. As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

2. Numa certa idade acaba a/o _____ (cf. item 1). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____.
3. Qual é o nome que se dá quando a mulher tem uma criança no ventre?
4. E quando a criança vai nascer, a mulher vai? _____.
5. Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer?
6. Como se chamam duas crianças que nasceram no mesmo parto? _____.
7. Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve? _____.
8. Quando a mulher fica grávida, e por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____.
9. Quando a mãe não tem leite e a outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher que amamenta a criança? _____.
10. O próprio filho da _____ (cf. item 9) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro? _____.
11. Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse? _____.

12. Como se chama o filho que nasceu por último?_____.
13. Criança pequenininha, agente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino, como se diz?_____.
14. Se for do sexo feminino, como se chama?_____.
15. Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?_____.
16. Numa conversa para tratar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?_____.